

**VIRGINIA MASCARENHAS NASCIMENTO TEIXEIRA**



**Belo Horizonte  
2002**

**VIRGÍNIA MASCARENHAS NASCIMENTO TEIXEIRA**

***O Quotidiano da Escola de  
Enfermagem Carlos Chagas:  
entre Luz e Sombra***

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Estelina Souto do Nascimento.

Belo Horizonte  
Escola de Enfermagem da UFMG  
2002

FOTO CAPA:

Alunas no parque do internato da Escola de Enfermagem Carlos Chagas - Foto Bonfioli. Acervo do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG.

Teixeira, Virgínia Mascarenhas Nascimento

T266q O cotidiano da Escola de Enfermagem Carlos Chagas: entre luz e sombra/Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira. Belo Horizonte, 2002. 115p.

Dissertação.(Mestrado).Enfermagem. Escola de Enfermagem da UFMG.

1.Escolas de enfermagem/história I.Título

NLM: WY 19

CDU: 616-083 : 378.096(091)

## ***Dedico este trabalho***

aos meus pais, a quem devo tudo que sou: vocês são meu suporte e aconchego em todos os momentos da minha vida;

à minha avó: exemplo de vida e coragem, de crença na minha capacidade;

à tia Maria do Carmo: em cada gesto, a força, o incentivo, o amparo e o amor de que precisei;

às minhas irmãs, que me ensinam a cada momento algo novo sobre a vida.

## ***Agradecimento especial***

à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Estelina Souto do Nascimento, com quem compartilhei este sonho. Muito obrigada pelo carinho, pela compreensão, amizade e pelo incentivo, que me deram força nessa caminhada. Muito obrigada pelo empenho e cuidado na condução deste trabalho, o que me trouxe segurança e me proporcionou aprendizado. Muito obrigada pela paciência e pelo respeito. Meu reconhecimento por, dia a dia, ensinar-me pacientemente a trabalhar como pesquisadora.

## ***Agradecimentos***

à Rosane, pelo carinho, apoio, pela amizade e paciência na leitura das versões preliminares, sempre me incentivando e tranquilizando;

à Valda e à Geralda, pelo afeto, pelos momentos de alegria, pela proximidade, troca, pelos ensinamentos; vocês fazem parte da minha história;

ao NUPEQS: ali pude compartilhar emoções, descobrindo a beleza do cotidiano;

à Marília Alves, por me “adotar”, pelo carinho e pelos ensinamentos;

à Lúcia Valente, pelo entusiasmo, carinho e disponibilidade, que me deram ânimo para buscar novos conhecimentos;

aos membros da banca examinadora, pela participação e pelas contribuições;

às amigas Stella, Daniela, Adriana, Gislaine e Mariene, que sempre torceram por mim;

à Letícia e à D. Beth, por me ajudarem em todos os momentos;

à Teresa Souto, pelo carinho;

aos meus tios; ao Eduardo, pelo apoio e pelas jabuticabas;

ao Adilson, pelas brincadeiras e pelo carinho;

aos colegas do mestrado, com quem partilhei angústias e alegrias, em especial

à Aline, sempre próxima;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos;

aos funcionários do Centro de Computação e da pós-graduação da escola, pela disponibilidade e ajuda;

à Solange Nagem, pela revisão do texto;

à Isabel Cristina Buccini, pela revisão bibliográfica;

ao Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo trabalho de preservar a memória da escola e disponibilizar o material;

a todos os integrantes da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, pela construção de uma história rica e encantadora.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	8
<b>ABSTRACT</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I</b> .....	10
<b><i>Conhecendo a Escola de Enfermagem Carlos Chagas</i></b> .....	11
<b>CAPÍTULO II</b> .....	21
<b><i>De um poderoso drama a um vigoroso trágico – a valorização do presente</i></b> .....	22
<b>CAPÍTULO III</b> .....	37
<b><i>Percorrendo um caminho</i></b> .....	38
<b><i>A forma: um auxílio na caminhada</i></b> .....	40
<b><i>Das fontes às formas: em busca de compreensão</i></b> .....	42
<b>Descrição das fontes</b> .....	43
<i>Jornal “Cinco P’ras Dez”</i> .....	43
<i>Revista “A Enfermagem em Minas”</i> .....	44
<i>Entrevistas do Acervo Oral da EECC</i> .....	44
<b>Utilização das fontes</b> .....	44
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	47
<b><i>O trágico vivido na Escola de Enfermagem e suas Formas de apresentação</i></b> .....	48
<b><i>O espaço da vivência</i></b> .....	49
<b><i>A diferença em jogo</i></b> .....	54
<b>Hierarquia</b> .....	54
<b>Afrontamento</b> .....	60
<b>Convivência</b> .....	65
<b><i>O envoltivo lúdico</i></b> .....	73
<b><i>“Era assim a nossa vida na escola”</i></b> .....	73
<b><i>“Um ambiente bastante agradável”</i></b> .....	84



<b><i>A arte de transgredir</i></b> .....	92
<b><i>CAPÍTULO V</i></b> .....	103
<b><i>“A história não tem fim”</i></b> .....	104
<b><i>FONTES DOCUMENTAIS</i></b> .....	108
<b><i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i></b> .....	112

## **RESUMO**

Buscando a adequada conduta do enfermeiro, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) sempre se preocupou com a formação moral das alunas. Assim, a disciplina tinha destaque na escola. Mas o cotidiano da EECC era, também, permeado de espontaneidade, descontração e subjetividade nas pequenas situações. Este estudo tem o objetivo de compreender uma parte do vivido que ficou, de certa forma, velado na história da EECC. A partir da microssociologia, fundamentada no pensamento de Michel Maffesoli, tomei como base três fontes documentais relacionadas ao cotidiano da escola: o jornal “Cinco P’ras Dez”, a revista “A Enfermagem em Minas” e as entrevistas do Acervo Oral da EECC. Por meio da análise compreensiva, destaquei as nuances do vivido na escola nas perspectivas do espaço, da diferença, do lúdico e da transgressão. O **espaço** abrigava a vivência daquelas pessoas, partilhando emoções e sentimentos. A **diferença** recortava aspectos de um cotidiano marcado pela hierarquia, pelo afrontamento e pela convivência. O **lúdico** estendia-se das festas às situações corriqueiras, dando ênfase à descontração e à alegria. As **transgressões** denunciavam a habilidade daquelas pessoas em contornar o imposto e fazer valer sua vontade. Entre luz e sombra, a história da EECC construiu-se não só por acontecimentos marcantes, mas também por um vigoroso cotidiano, franqueado pelo amplo leque das vivências e emoções humanas.

## ***ABSTRACT***

Seeking for the nurse's appropriate behavior, the Carlos Chagas Nursing School (EECC) has always been concerned about the moral formation of its students. Therefore, the school had always put emphasis on this subject. The everyday life at EECC was also surrounded by spontaneity, relaxation and subjectivity in minor situations. This study has the purpose of understanding what was experienced and remains as a part of Carlos Chagas History. Starting from the Microsociology, based on Michel Maffesoli's thoughts, I took into consideration three documented sources related to the school everyday life: "Cinco P'ras Dez" Newspaper, "A Enfermagem em Minas" Magazine and interviews from the EECC oral heritage. Through comprehensive analysis, I highlighted the nuances of what was lived in the institution concerning the perspectives of space, difference, ludic spirit and transgression. The **space** concerned those people's experiences sharing emotions and feelings. The **difference** concerned aspects of the daily life marked by hierarchy, confrontation and living. The **ludic spirit** extended from parties to daily situations with emphasis on relaxation and happiness. The **transgressions** revealed those people's ability to deal with what was imposed and act according to their will. Between light and shadow, the EECC History was built not only on remarkable events but also on a vigorous quotidian, marked by a wide range of experiences and human emotions.

## **CAPÍTULO I**

*“Não chega a ser cidadão quem não consegue se orientar no mundo em que vive, a partir do conhecimento da vivência das gerações passadas.”*

*Boris Fausto*

## ***Conhecendo a Escola de Enfermagem Carlos Chagas***

Falar em história da Enfermagem significa, a princípio, retomar um passado distante, com o qual, praticamente, já perdemos contato. Seja na vida acadêmica, seja na profissional, raramente pensamos na história da profissão e a ela damos o devido valor.

No início do curso, estudamos a história da Enfermagem, marcada por datas, por acontecimentos relevantes e alguns dos principais personagens, mas, à medida que avançamos, tanto no curso como na profissão, vamos nos afastando dessa história. Ficam algumas lembranças, reflexões, críticas a uma trajetória permeada de contradições, obstáculos, lutas, dedicação.

Desse passado, conhece-se, apenas, o contexto geral; certos aspectos - como a constituição da Enfermagem no Estado, na cidade, a partir das escolas - ainda são pouco conhecidos. Para que a história não seja vista de uma forma tão distante e, por isso, às vezes, tão esquecida, é importante considerar o cotidiano na escola.

Como bolsista de aperfeiçoamento em atividade de pesquisa junto ao Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde - NUPEQS -, tive a oportunidade de participar de trabalhos relacionados à história da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), assim denominada, até 1968, a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG). Por meio desses trabalhos, fui surpreendida por muitas descobertas. As entrevistas realizadas com ex-alunas, ex-professoras, ex-diretoras e ex-funcionárias da

escola, as quais constituem o Acervo Oral da EECC<sup>1</sup>, e o resgate de eventos e acontecimentos relevantes ocorridos da sua criação, em 1933, até 1968, quando foi desanexada da Faculdade de Medicina<sup>2</sup>, constituíram clarões lançados sobre o cotidiano da instituição, o que permitiu descobrir um pouco da riqueza do que ali foi vivido.

Pioneira do ensino de Enfermagem no Estado de Minas Gerais, a EECC, por intermédio de suas dirigentes, trabalhou com o fim de valorizar a profissão; embora, muitas vezes, tenha enfrentado estradas sinuosas, não perdeu de vista o seu propósito. Trabalho, conquistas, derrotas erigiram os 35 anos da Escola de Enfermagem Carlos Chagas.<sup>3</sup>

Um aspecto marcante dessa história foi a formação moral das alunas. Os princípios da instituição, seus valores, a maneira de ensinar revelavam o compromisso com a formação ética, moral e religiosa daquelas pessoas, condição essencial para a formação de “verdadeiras personalidades de enfermeiras”.<sup>4</sup> Segundo Paixão<sup>5</sup>, a moral aplica à profissão os princípios que devem orientar o ser humano; para estudá-la, é necessário um bom programa de ética, que culmine em uma filosofia de vida. Continua a autora:

“A grande e sólida base de uma filosofia de vida para uma escola de enfermagem só pode ser o espírito de serviço que decorre de nossa filiação divina e da conseqüente fraternidade humana. Esse espírito se alimenta na prática de servir, mas arrisca-se a diminuir, pela fadiga e pelas desilusões, se não fôr alimentado no estudo e na oração.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. AOEC, 1995/1999.

<sup>2</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>3</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>4</sup> Paixão. *Anais de Enfermagem*, 1952.

<sup>5</sup> Paixão. *Rev. Bras. Enf.*, 1956.

Daí ser mais fácil a uma comunidade religiosa manter esse ideal.”<sup>6</sup>

Tal concepção se coaduna com as diretrizes estabelecidas pela Enfermagem Moderna, que surgiu com Florence Nightingale, em 1860, na Inglaterra, propondo um rompimento com a prática anterior da enfermagem. Segundo Miranda, Florence Nightingale revolucionou o conceito da profissão, pois criou “uma identidade profissional singular em termos de corporalidade, rituais e simbologia, disciplina, relações de poder e sexualidade.”<sup>7</sup> Segundo Sauthier & Barreira:

“Florence Nightingale promoveu a introdução da ‘boa mulher’ na enfermagem, melhorando o nível do cuidado e fazendo da enfermeira a guardiã da moral, papel da mulher vitoriana, que tinha como regra quatro pontos virtuais: piedade, pureza, submissão e domesticidade.”<sup>8</sup>

Neste contexto, como afirma Miranda, a enfermeira deveria ser, “antes de tudo, assexuada, *anjo branco*; se possível, silenciosa, generosa e firme; no mínimo discreta e incansável, gentil e atenciosa, porém competente, objetiva e pragmática.”<sup>9</sup>

Seguindo o modelo de Nightingale e o padrão da Escola de Enfermagem Anna Nery<sup>10</sup>, a EECC se orientou no sentido de alcançar o comportamento adequado da enfermeira. Portanto, a valorização do rigor e da

---

<sup>6</sup> Paixão. *Rev. Bras. Enf.*, 1956. p.226.

<sup>7</sup> Miranda. *O risco e o bordado*, 1996. p.121.

<sup>8</sup> Sauthier & Barreira. *As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil*, 1999. p.23.

<sup>9</sup> Miranda. *O parentesco imaginário*, 1994. p.13.

<sup>10</sup> As escolas de Enfermagem deveriam ter como parâmetro de organização o modelo da Escola de Enfermagem Anna Nery - EEAN -, no Rio de Janeiro, a primeira no Brasil, à qual as demais escolas de Enfermagem deveriam equiparar-se.

disciplina sobressaía-se neste local. Alunas, professoras, funcionários deveriam acatar regras de conduta as quais formariam o profissional adequado, capaz de executar seu trabalho com organização, disciplina e precisão. Ademais, as regras serviam para a manutenção da ordem, o que era conveniente ao bom funcionamento da escola. Como diz Paixão:

“Numa escola onde o espírito é sempre considerado acima da matéria, não se justificarão atos imorais mesmo sob pretexto de salvar uma vida, porque o valor de uma vida por maior que seja, não justifica um crime. (...) Em tal escola, procurar-se-ão, para ensinar e orientar as alunas, elementos técnica e cientificamente capazes, mas há de se fazer também questão da envergadura moral daqueles que ensinam. Esses princípios se refletirão no currículo, na organização da residência e dos serviços, nas relações de cada dia entre docente e discente.”<sup>11</sup>

O regime preconizado para as escolas de Enfermagem na década de 30 e nas décadas posteriores era a modalidade de internato<sup>12</sup>, em que a disciplina e as regras marcavam de forma bastante intensa a convivência das pessoas. Sobral fala do internato como “uma clausura intermediária entre o espaço privado e o público”<sup>13</sup>; no internato, eliminam-se os adereços de identidade, e é criada uma identidade coletiva, construída com base na hegemonização da conduta, na rigidez do comportamento e no controle das relações interpessoais, dos movimentos e dos gestos.<sup>14</sup>

O internato era administrado por uma Ecônoma - governanta -, que deveria ser uma senhora de alta qualidade moral e capacidade administrativa,

---

<sup>11</sup> Paixão. *Anais de Enfermagem*, 1952. p.22.

<sup>12</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>13</sup> Sobral. *A purgação do desejo*, 1994. p.90.

<sup>14</sup> Sobral. *A purgação do desejo*, 1994.



a quem cabia zelar pela ordem, pelo silêncio, pelo asseio do local e pela administração dos serviços. Ademais, vigorava uma organização disciplinar rígida, com regulamento a ser cumprido, sob pena de punição, que poderia ser um castigo, uma suspensão ou, até mesmo, a expulsão do internato.<sup>15</sup> Em seu regulamento, constam as seguintes normas:

- “1- A mensalidade será de 130\$000 (Incluindo a taxa de estudo).
- 2- A Escola não se responsabiliza por conta pessoal.
- 3- O pedido que não constar do cardápio de cada refeição será considerado extra.
- 4- Os telefonemas interurbanos serão passados só mediante autorização da Secretaria da Escola.
- 5- Pede-se não usar o telefone do Internato para telefonemas demoradas.
- 6- Não é permitido sair do refeitório para atender telefonemas. Somente as chefes e diplomadas por motivo de trabalho.
- 7- As pessoas que se acharem de folga deverão atender ao sinal das refeições. Quando em serviço deverão empregar meios para chegarem á hora.
- 8- O café pela manhã será servido até as 8 horas.
- 9- De 15 em 15 dias uma enfermeira será destacada para tomar conta das doentes da casa. (inclusive empregadas)
- 10- As refeições servidas no quarto serão consideradas extraordinárias, salvo em caso de doença a juízo da Diretora.
- 11- A enfermeira do serviço da noite deverá comparecer ao jantar. Estando acordada á hora do almoço, deverá descer.
- 12- Havendo enfermeiras no serviço da noite, o silencio deverá ser mantido até 17 horas. Todas devem ter em mente que o sono do dia é mais difícil que o da noite. Compete á Economa do Internato manter o silencio. A enfermeira da noite só poderá sair, depois das 17 horas. Antes, só com licença da Diretora, Assistente ou Inspetora.
- 13- Á hora do Santo Sacrifício da Missa, e do Terço, pedimos o comparecimento de todas que se acharem no Internato.
- 14- As sessões do Grêmio ‘9:55’ serão realizados nas seguintes ocasiões: 19 de Março, 19 de julho, 22 de

---

<sup>15</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

Setembro e no mez de Dezembro após o término das provas finais. (...)

Medidas gerais para as alunas internas e externas:

- 1- Todas deverão ser pontuais nas aulas e no serviço.
- 2- Sendo o atrazo por questão de enfermaria, será verificado antes quem o ocasionou.
- 3- Com 1/3 de faltas a aluna perde a materia. Perdendo trez materias, perde a serie. Não haverá segunda epoca. Haverá segunda chamada em dias previamente marcados pela Diretoria da Escola.
- 4- A aluna não poderá frequentar as aulas quando em licença de trabalho. A licença será total. Cada prova será marcada com 5 dias de antecedencia no minimo.
- 5- As alunas terão inteira liberdade de fazer suas reclamações que serão atendidas quando justificadas.”<sup>16</sup>

Além das normas preconizadas no regulamento, havia outras, por exemplo, com relação aos uniformes: deveriam ser mantidos limpos e engomados, tendo uma medida exata; diariamente, eram supervisionados por uma professora, que, com uma fita métrica, media o comprimento das saias das alunas.<sup>17</sup> O rigor verificado na EECC é apontado no depoimento de uma ex-aluna:

“É, a vida da escola era meio apertada. A gente tinha que levantar cinco e trinta da manhã, um sino que a [ecônoma] batia com muita força, nos acordando, porque às seis horas tinha uma missa e a gente assistia a missa todo dia na escola. (...) O internato era assim, um regime militar. Para a gente sair, abria um livro, você tinha que registrar o seu nome, endereço e a hora que você tinha saído. E, a hora que você voltasse, você tinha que assinar também no livro. Então, era esse o regime. (...) quase que ninguém tinha tempo de passear, porque o regime, a gente ficava muito cansada durante o dia.”<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Escola de Enfermagem Carlos Chagas. *Regulamento Interno*, [193-].

<sup>17</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>18</sup> Entrevista 14, 1996. p.12.

Desse modo, ao buscar a adequada conduta das profissionais, a EECC seguiu o padrão da Escola Anna Nery, segundo o qual “as alunas eram compelidas a disfarçar suas paixões, rejeitar o que queria o coração e agir contra os seus sentimentos.”<sup>19</sup>

Na EECC, o refrear dos desejos, das emoções e das diferenças visava a normatizar a vida daquelas pessoas e a estabelecer um padrão de uniformidade relativo ao comportamento da enfermeira. A escola tinha uma concepção finalista, racional e voltada para o futuro, a qual enfatizava a formalidade e a previsibilidade das relações. Ao eleger o racional, no sentido atribuído por Maffesoli<sup>20</sup>, a instituição optou pelo drama, ou seja, pela instrumentalidade, pelo projeto, pela racionalidade, finalidade e pelo poder.

Todavia, há momentos em que a “grande história dá lugar às pequenas histórias vividas no dia-a-dia.”<sup>21</sup> A par do vivido metódico e finalista, guiado pela moral, o cotidiano da EECC era pontilhado de espontaneidade, leveza, subjetividade. Conforme Maffesoli, “ao drama, isto é, ao que evolui, ao que se constrói, se opõe o trágico, o que é vivido enquanto tal sem levar em conta as contradições.”<sup>22</sup> O autor enfatiza que o sentimento trágico não são “contorções ou estados d'alma pateticamente expressos. Na verdade, o trágico pode ser resumido pela consciência de que todas as situações, todas as atitudes se esgotam no momento mesmo de sua realização.”<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> Sauthier & Barreira. *As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil*, 1999. p.161.

<sup>20</sup> Maffesoli. *Rev. Fac. Educ.*, 1991.

<sup>21</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000. p.53.

<sup>22</sup> Maffesoli. *Rev. Fac. Educ.*, 1991. p.197.

<sup>23</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.108.

Assim, as manifestações quotidianas que constituem o sentimento trágico da vida, com seu ar efêmero e trazendo vitalidade e prazer ao vivido, percorreram a EECC paralelamente à trama oficial, ao drama.<sup>24</sup> Como relatam Bellato & Carvalho, “o instituído busca controlar o vivido, sem, porém, conseguir submetê-lo inteiramente.”<sup>25</sup> Segundo as autoras, “a trama da vida, mais do que um drama, tem no trágico seu verdadeiro sentido.”<sup>26</sup>

Manifestações do sentimento trágico da vida ocorridas na EECC pouco foram reveladas ou são conhecidas, apenas, por pessoas que viveram aquele tempo. Entretanto, são elas de grande importância tanto para quem passou pela escola quanto para se entender a trajetória da instituição.

Quais eram essas manifestações? De que forma elas se apresentavam na EECC? O que ocorria em meio à trama oficial da escola?

Na cena tradicional, moralista e finalista, minúsculas situações, quase imperceptíveis, emergiam no quotidiano. Conforme Maffesoli<sup>27</sup>, sempre existe a possibilidade de uma brecha, um desvio, um respiradouro no qual se manifesta o querer viver de cada um. O autor acrescenta que, “ao lado de uma representação homogênea e globalizante do dado social, existe uma socialidade multiforme, subterrânea e tenaz que é vivida num trágico mais ou menos consciente.”<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> Os termos drama e trágico serão usados, neste trabalho, conforme o significado a eles atribuído por Michel Maffesoli.

<sup>25</sup> Bellato & Carvalho. *Insignificâncias essenciais*, 1998. p.147.

<sup>26</sup> Bellato & Carvalho. *Insignificâncias essenciais*, 1998. p.179.

<sup>27</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>28</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.12.

Rir do sério, brincar com o estabelecido, violar normas existentes, correr risco em situações perigosas, segundo Nascimento<sup>29</sup>, indicam resistências eficazes, que se instalam e minam os diversos tipos de normatização. Essas situações, provavelmente, foram muitas vezes vividas pelos integrantes da EECC e constituem uma face desconhecida do cotidiano da escola. Continua Nascimento:

“... há, é certo, um conformismo, no sentido de conformidade aos costumes, em que predomina um componente racional, e o indivíduo é movido pela convicção, pelo contrato, por questões intelectuais e abstratas. Mas há, também, um componente imaginal, em que se desenvolvem a sedução, a atração, enfim, os fatores emocionais e táteis. Nesse caso, estabelece-se uma ética coletiva que, muitas vezes, é imoral e restrita a um pequeno grupo.”<sup>30</sup>

Adentrar por esse cotidiano significa viver os momentos de alegria, temor, companheirismo e cumplicidade, os quais vão compor, dar a tonalidade e delimitar o sentimento trágico vivido dentro da instituição. Significa compreender melhor um lado que, embora seja considerado obscuro, caótico e sem qualidade para a formação das enfermeiras, marcou, de alguma forma, o dia-a-dia das alunas, professoras e dos funcionários, que souberam retirar desses “pequenos nada”<sup>31</sup> a vitalidade.

O que se busca, portanto, é compreender uma parte do que foi vivido, de forma velada, na EECC, por meio das manifestações do sentimento trágico da vida, as quais perpassaram o cotidiano da escola. Recuperar os

---

<sup>29</sup> Nascimento. *Enfermagem Revista*, 1995a.

<sup>30</sup> Nascimento. *Enfermagem Revista*, 1999. p.16.

<sup>31</sup> Este termo refere-se a situações corriqueiras, que fazem parte da vida cotidiana, às quais não é dada importância ou atenção.

bastidores, os interstícios da trama oficial - conhecidos, basicamente, apenas por quem viveu aquele tempo ou por um número reduzido de pessoas - pode dar sentido à própria trajetória da instituição. Além disso, resgatar essa parte do passado da EECC é trazer à tona o contexto em que se formaram nossa profissão e nossa história, de um modo mais próximo, e, assim, criar a possibilidade de se refletir sobre suas implicações no presente e no futuro da Enfermagem.

## **CAPÍTULO II**

*“De um lado, uma razão abstrata, escolástica, fundamentando a rigidez do instituído; do outro, uma razão interna (ratio seminalis), enraizando-se numa vivência coletiva e favorecendo a dinâmica do instituinte. De um lado a força bruta do conceito e da instrumentalidade a inscrever todas as coisas numa perspectiva econômica: economia de si, economia do mundo; do outro, o aspecto acariciante de uma ecologização da existência a engendrar uma contemplação do mundo.”*

## ***De um poderoso drama a um vigoroso trágico - a valorização do presente***

Futuro. Os homens se mobilizando para alcançá-lo. Por um longo período, nas sociedades finalistas, guiadas pelo racionalismo, pela previsibilidade e pela busca da perfeição, o futuro tem um papel de destaque: é a meta - esperança de um viver mais agradável - a ser alcançada pelas pessoas.

Nessa incessante busca, os homens dão o máximo de si, diariamente, confiando em que, depois, no porvir, venham a desfrutar do que conquistaram. Sendo assim, as alegrias, as tristezas, os prazeres, as vitórias e as derrotas quotidianas, enfim, o viver humano deixa de ser valorizado, em prol de um amanhã que se acredita será mais promissor. Cada dia constitui, apenas, um trampolim, pelo qual se poderá chegar a um outro dia, possivelmente “melhor”.

Na corrida rumo ao futuro, os pequenos acontecimentos são deixados de lado, o que provoca o “adiamento” do viver e a esperança num amanhã que, na verdade, nunca é alcançado. Dessa forma, vive-se o **drama** de que fala Maffesoli<sup>32</sup>, próprio da modernidade e voltado para o projeto, o futuro, a pretensão de tudo dominar e explicar. O drama “repousa na busca de soluções - todo problema tem um fim a ser alcançado, tem uma finalidade”<sup>33</sup>, que passa a ser considerada como um ideal a se atingir. O drama se inscreve na ordem

---

<sup>32</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>33</sup> Nascimento. *O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares*, 1993. p.88.



do poder, da carreira, do instituído<sup>34</sup> e dá ênfase ao individualismo e à racionalidade. Como afirma Maffesoli:

“... a concepção dramática do mundo que dominou os tempos modernos e que está em vias de saturação se preocupava essencialmente com a felicidade individual, na busca de um paraíso celeste ou terrestre, conforme os casos, onde o indivíduo poderia usufruir à vontade dos bens que ele teria adquirido, ou dos méritos que ele teria, de algum modo, capitalizado.”<sup>35</sup>

Vivendo segundo a concepção do drama, as pessoas voltam-se para a busca da perfeição, projetada no amanhã: é preciso criar regras, normatizar a vida, homogeneizar os comportamentos, para garantir a felicidade e o paraíso.

Assim, sustentado por projetos e planejamentos, o tempo linear predomina, marcado pela seqüência lógica dos acontecimentos, pela noção de continuidade e pela supressão das diferenças, do contraditório e das imperfeições humanas, seguindo uma direção única.<sup>36</sup> Com o começo e o fim bem estabelecidos, o tempo se torna útil, é enfatizada a aceleração da vida para se chegar mais rápido ao futuro. Segundo Nascimento & Freitas:

“Essa é uma perspectiva progressista do domínio da linearidade: sai-se de um lugar para se chegar a outro, indo sempre para a frente. O que comanda tal perspectiva é o tempo histórico, tempo sem volta: vem do passado e dirige-se para o futuro. É o tempo da busca do equilíbrio, da perfeição, do paraíso, do fim absoluto.”<sup>37</sup>

Deste modo, a concepção do drama abriga a linearidade, a homogeneidade, a valorização do externo, do universal e do poder, e as

---

<sup>34</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>35</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000. p.201. (Tradução da autora).

<sup>36</sup> Costa. *A convivência dos familiares com o doente mental*, 1998.

<sup>37</sup> Nascimento & Freitas. *Enfermagem Revista*, no prelo.

peças trabalham para alcançar um tempo que “há de vir”, somente no qual a vida “terá sentido”. Assim, a concepção dramática do mundo enfatiza a corrida, a velocidade, a soberania do futuro, e faz do viver humano uma perpétua possibilidade.<sup>38</sup>

Entretanto, em determinado momento, a projeção da vida em um amanhã já não satisfaz as necessidades e as angústias humanas. Como afirmam Bellato & Carvalho:

“Aos poucos, ‘o santo mostra seus pés de barro’, e o que parecia sólido e verdadeiro passa a dar mostras de exaustão explicativa, ou seja, já não traz respostas para a angústia maior do ser humano que é a sua finitude, o seu confronto com a morte.”<sup>39</sup>

Passa-se, então, a dar mais importância às situações corriqueiras e a valorizar o presente, o momento, com toda a intensidade. Segundo Nascimento:

“As pessoas se desencantam do futuro e passam a viver o presente. Rompem com promessas do tipo ‘Se você não proceder da forma que lhe digo, estará condenada’. O homem comum deixa esse tempo linear e vive as ramificações do presente, com tudo que ele tem de caótico, contraditório e perigoso.”<sup>40</sup>

Instigante e vigoroso, o presente revela-se próprio de uma concepção pós-moderna, que se inscreve na diversidade, no relativismo e na pluralidade de valores, sem a existência de um padrão dominante.<sup>41</sup> Está ligado ao micro, às pequenas situações vividas diariamente, as quais têm sentido por si

---

<sup>38</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>39</sup> Bellato & Carvalho. *Insignificâncias essenciais*, 1998. p.27.

<sup>40</sup> Nascimento. *O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares*, 1993. p.88.

<sup>41</sup> Nitschke. *Mundo imaginal de ser família saudável*, 1999.

mesmas e se esgotam no momento em que se realizam; além disso constituem a trama da existência social.

Dessa forma, Maffesoli<sup>42</sup> ressalta que a verdadeira vida escapa à lógica do dever-ser: é feita de ensaios e erros, é sem projeto, sem um fim preciso. Vale pelo aspecto pungente de suas manifestações, pelo aspecto repetitivo de seus rituais e pela impressão de futilidade, pois se esgota no ato mesmo de sua criação. Sendo assim, pode-se falar do **trágico**<sup>43</sup>, proposto pelo autor, o qual remete à valorização do instante, à aceitação do efêmero, ao presenteísmo.<sup>44</sup> O trágico “é a ‘forma’ que permite viver, no presente, as tensões invariantes, arquetípicas e próprias a todo conjunto humano.”<sup>45</sup>

Com o trágico, não há aceleração rumo ao futuro. A vida é considerada uma concatenação de instantes, dos quais deve-se retirar o máximo, vivendos intensamente.<sup>46</sup> Trata-se de uma noção guiada pelo limite, pela morte; por isso, volta-se para o tempo presente, para o vivido “aqui e agora”, fazendo com que haja uma afirmação da vida. Segundo Maffesoli:

“Obnubilada pela morte e suas diversas manifestações, a vivência cotidiana deposita toda a importância num presente caótico que deve ser vivido numa intensidade que transcende as projeções de todas as ordens (paraíso, sonhos do amanhã, sociedades perfeitas).”<sup>47</sup>

---

<sup>42</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>43</sup> Esse termo é usado por Nietzsche e engloba aspectos do dizer “sim” à vida, do eterno retorno e da estética. Cf. Nietzsche. *O nascimento da tragédia*, 2000.

<sup>44</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>45</sup> Maffesoli. *A sombra de Dionísio*, 1985. p.86.

<sup>46</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>47</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.25.

Sob a ótica do trágico da existência, o tempo é cíclico, marcado pela repetição, duração, intensidade, pelas múltiplas possibilidades e pela lentidão. Já não se tem um caminho único, mas uma multiplicidade deles. Bellato afirma a esse respeito que:

“... a vida quotidiana navega num **tempo** próprio que, longe de escansioná-la em frações numericamente mensuráveis, numa linearidade infinita rumo ao futuro, insere-a numa espiral cujos círculos, ao girarem sempre em torno do mesmo eixo que é o tempo presente, emprestam-lhe uma aparência de imutabilidade e de repetição.”<sup>48</sup>

O tempo cíclico “não admite fim absoluto a ser perseguido: o que se busca são formas de enfrentar a precariedade e a permanência de um mundo ambivalente.”<sup>49</sup>

O trágico convida à aventura, ao acaso, ao perigo, a situações cujo fim se desconhece. Cada instante é eterno, pois há imobilização do tempo, sem preocupação com o que virá, e isto possibilita que os momentos sejam vividos com toda a intensidade.

É assim que, opondo-se a um social controlador e individualista, surge uma “socialidade num misto de sentimentos, paixões, imagens, diferenças que incita a relativizar as certezas estabelecidas (religiosas, políticas, teóricas) e remete a uma multiplicidade de experiências coletivas.”<sup>50</sup> Há, aí, uma lógica orgânica, que vai ao encontro do emocional, dos sentimentos e das sensações, tem sentido em si mesma, não pode ser compreendida de um modo externo.

---

<sup>48</sup> Bellato. *A vivência da hospitalização pela pessoa doente*, 2001. p.170.

<sup>49</sup> Nascimento & Freitas. *Enfermagem Revista*, no prelo.

<sup>50</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.8.

Relaciona-se ao interno, ao sensível da experiência humana, que é vivido uns com os outros<sup>51</sup>, ressaltando a proximidade, a ligação entre as pessoas e não por contratos estabelecidos, mas pela empatia, pelo prazer da vivência em grupo, com tudo que ela tem de contraditório. Maffesoli afirma a esse respeito que “o trágico gera a identificação. Mais forte, mesmo, que a simples simpatia, vemos nascer, um pouco por toda parte, formas de empatia que fazem com que se vibre, se ria, se chore, grite e cante juntos.”<sup>52</sup>

Sendo assim, há uma valorização do estar-junto, do viver coletivo, no qual a partilha de emoções e sensações e a comunhão se fazem presentes. A vivência trágica tem no coletivo o seu alicerce, e, por meio dessa conjugação, são buscadas formas de enfrentar as imposições do social. Variadas, essas formas podem remeter ao silêncio, à passividade, à duplicidade, à teatralidade da vida; de qualquer modo, elucidam a força do coletivo e a soberania de seus atos. É o que Maffesoli<sup>53</sup> chama de potência, que ressalta a vitalidade e a astúcia do viver humano.

O trágico é permeado por uma “‘passividade fecunda’ que se traduz por pequenos desvios da vida cotidiana - ‘jeitinhos’ - que sem ruído tentam driblar os valores e normas impostas”<sup>54</sup> ou, apenas, usufruir do que é dado viver. Nesse sentido, o importante é viver com intensidade tudo o que se apresenta, considerando que a vida se faz numa conjugação de alegrias e tristezas, luz e sombra, amor e ódio ... Assim, pode-se falar em uma verdadeira arte do

---

<sup>51</sup> Maffesoli. *Elogio da razão sensível*, 1998.

<sup>52</sup> Maffesoli. *L’Instant éternel*, 2000. p.233. (Tradução da autora).

<sup>53</sup> Maffesoli. *O tempo das tribos*, 1998.

<sup>54</sup> Nitschke. *Mundo imaginal de ser família saudável*, 1999. p.39.

viver<sup>55</sup>, que não repousa na busca da liberdade absoluta, mas em pequenas liberdades intersticiais, relativas, empíricas, para as quais se voltam as manifestações que constituem o sentimento trágico da vida.

Tais manifestações falam do desejo e da necessidade de se viver o tempo presente, o instante é que é celebrado. A vida, desse modo, se faz audaciosa, atravessada pelo frescor do momento, no que ele tem de provisório, precário e intenso.<sup>56</sup> Não se trata, conforme Maffesoli<sup>57</sup>, de morosidade do tempo. Na verdade, os momentos denominados trágicos são cheios de júbilo e efervescência, de hinos à alegria, fazem com que haja uma resposta afirmativa ao viver. Trata-se de dizer “sim” à vida e dela saber aproveitar todos os momentos, compartilhando as emoções.

O sentimento trágico aponta para o vivido no cotidiano, fazendo a conjunção de uma multiplicidade de aspectos. Não se tem a distinção própria do individualismo moderno, mas uma participação que liga e exprime a vida de modo inteiro. Em vez do egocentrismo próprio da modernidade, segundo o qual o indivíduo é o ponto de partida, tem-se o *logocentrismo*, a valorização do local, conformando-se em um espaço específico e que se volta para o grupo.<sup>58</sup>

Portanto, as manifestações do sentimento trágico, por serem experimentadas inteiramente no coletivo, enraízam-se em um determinado espaço, que se faz por meio da proximidade, da comunhão e do estar-junto, agregando as pessoas e se tornando a expressão de um grupo. Nele a

---

<sup>55</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>56</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>57</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>58</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

vivência coletiva, com toda a sua diversidade, aflora, fazendo surgir uma socialidade, cuja riqueza possibilita a permanência social.<sup>59</sup>

A partir do espaço, estruturam-se as situações do dia-a-dia. Ele é o solo que “faz nascer, é o que permite o crescimento, é o lugar onde jazem todas as agregações sociais e suas sublimações simbólicas.”<sup>60</sup> O espaço se modula em um território - a “casa”, locais de socialidade; pode, também, remeter a gostos culturais, sexuais, ideológicos e afinidades, indo muito além da delimitação geográfica.<sup>61</sup> O espaço envolve integração, abrigo, familiaridade e partilha. Integra a vivência de cada um, ressaltando o próximo, o local, o doméstico, onde são criados os laços de afeto. Como afirma Maffesoli, “o hedonismo de todo dia necessita de um território para se exprimir e desabrochar,”<sup>62</sup> e esse torna-se o lugar da partilha e da efervescência vividas no cotidiano.

O espaço é o abrigo conhecido com precisão por cada um dos seus integrantes; é o lugar da intimidade e, por isso, serve como refúgio e como resistência ao exterior. Ele acolhe, é a “casa”, nele as pessoas se sentem seguras, é a referência a partir da qual se molda o estar-junto.

Nesse sentido, pode-se falar, mesmo, da noção de casa que o espaço traz e constitui “nosso canto do mundo”, conforme Bachelard.<sup>63</sup> Segundo o autor, sem a casa, “o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem

---

<sup>59</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>60</sup> Maffesoli. *O tempo das tribos*, 1998. p.183.

<sup>61</sup> Nascimento. *Enfermagem Revista*, 1999.

<sup>62</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.52.

<sup>63</sup> Bachelard. *A poética do espaço*, 1996. p.24.

através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano.”<sup>64</sup> A casa é o berço que protege e acolhe o viver de cada um, trazendo segurança,<sup>65</sup> pois dela se conhecem todos os detalhes. Segundo Bellato, “todos os seus mínimos recantos são conhecidos, desce-se de uma escada ou a ela sobe como se fosse extensão do próprio corpo, tal a familiaridade que se desenvolveu com cada degrau.”<sup>66</sup>

O espaço remete a uma multiplicidade de experiências que são vividas com todas as suas contradições e imperfeições, sem a pretensão de unificá-las em um todo homogêneo. Estruturando-se desse modo a vivência diária, tem-se a relação com a alteridade e com a troca que ela possibilita. Convive-se com a diferença e todas as suas implicações, e fica ressaltado que dela a vida não pode se separar, pois ela é uma das características marcantes e universais do humano.<sup>67</sup>

Integrante do cotidiano trágico, em que a pluralidade de valores denota a riqueza do vivido, a diferença coloca em jogo a potencialidade do ser humano. Por meio dela, há uma confrontação dos poderes, que são neutralizados e, assim, relativizados.<sup>68</sup>

A diferença, aflorada na vivência plural, remete à noção de incompletude, o que permite a troca com o outro. De acordo com Maffesoli, “aquilo que é completo, perfeito, não tem a menor necessidade de alteridade, e

---

<sup>64</sup> Bachelard. *A poética do espaço*, 1996. p.26.

<sup>65</sup> Bachelard. *A poética do espaço*, 1996.

<sup>66</sup> Bellato. *A vivência da hospitalização pela pessoa doente*, 2001. p.97.

<sup>67</sup> Rezende. *Enfermagem Revista*, 1999.

<sup>68</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.



o exemplo mais significativo disso é o Deus do monoteísmo. É quando existe incompletude que a relação se torna necessária.<sup>69</sup> Portanto, o que é incompleto volta-se para a necessidade de complementaridade, e esta se faz com a troca. Não uma troca igual, como fala Maffesoli<sup>70</sup>, o que seria impossível, mas a troca fundada na disparidade, na desigualdade em relação ao que é dado e ao que é recebido. Como exemplifica o autor:

“Existe resposta a um dom, mas essa resposta jamais é idêntica ao que é dado. Assim, numa família, aos sentimentos, à segurança ou à proteção dados pelos pais, a criança responde com uma presença, sentimentos e encantos que não podem ser avaliados pelo padrão dos primeiros. Podemos responder a um convite para jantar com um outro convite ou com um contradom totalmente diferente (sua presença, seu espírito, seu corpo, etc).”<sup>71</sup>

A troca permite a existência social, e com ela tem-se a reversibilidade. A troca liga as pessoas, mesmo nas situações mais violentas e conflitivas; embora, a princípio, possam parecer o oposto, na verdade, trazem a relação com o outro, na qual a noção de troca está profundamente enraizada.<sup>72</sup>

Assim, a diferença, alicerçada na incompletude e na troca, indica a pluralidade de valores, permitindo que uns relativizem os outros. E, ao se negociar com elementos da alteridade, usa-se de astúcia com eles, o que aponta para um vigoroso querer viver.<sup>73</sup>

Portanto, na intensidade da existência e no desejo de viver o tempo

---

<sup>69</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.37.

<sup>70</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>71</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.37.

<sup>72</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>73</sup> Maffesoli. *A sombra de Dionísio*, 1985.

presente se apóiam as manifestações do sentimento trágico da vida, dentre as quais o lúdico, dando a possibilidade da descontração e da alegria. Do latim *ludus*<sup>74</sup>, relaciona-se àquilo que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos. Integra a alegria, a diversão e a liberdade, e é cheio de entusiasmo e efervescência. O lúdico está presente, como aponta Maffessoli<sup>75</sup>, em todos os aspectos da vida quotidiana e ressalta a facticidade da existência.

O domínio do lúdico é tratado, na maioria das vezes, como o do jogo, e este engloba aspectos variados. Huizinga, ao falar do jogo, considera-o como:

“... uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de certos limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras.”<sup>76</sup>

Ainda segundo esse autor<sup>77</sup>, todo jogo encerra um determinado sentido, é uma função significativa e se faz num misto de intensidade, fascinação e divertimento, não se opondo à seriedade.

Para Caillois, o jogo traz, também, aspectos de incerteza, “já que seu desenrolar não pode ser determinado nem o resultado obtido previamente, e já que é obrigatoriamente deixada à iniciativa do jogador uma certa liberdade na necessidade de inventar.”<sup>78</sup> Além disso, o jogo constitui uma atividade

---

<sup>74</sup> Cunha. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 1994.

<sup>75</sup> Maffessoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>76</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999. p.16.

<sup>77</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999.

<sup>78</sup> Caillois. *Os jogos e os homens*, 1990. p.29.

improdutiva, pois não gera riqueza, bens ou elementos novos, e é fictícia, pois está acompanhada de uma consciência de outra realidade, ou da irrealidade em relação à vida normal.<sup>79</sup>

No jogo, há plena manifestação das emoções, o que se volta para a vivência coletiva e a comunhão. É uma atividade produtora de imaginação, permitindo que se renovem as emoções e os gestos que a acompanham e se faz em meio à excitação e à repetição.<sup>80</sup>

Perpassando a festa, a criação artística, os sonhos e as práticas do imaginário, o jogo traz a noção de imprevisibilidade<sup>81</sup>, que o liga ao trágico da existência. É vivido com intensidade, distanciando-se, pois, da visão utilitarista do mundo. São instantes de pura exaltação do viver, em tudo que este tem de efêmero.

Bousquet<sup>82</sup> afirma que é preciso fazer distinção entre jogo e atitude lúdica, pois o que habitualmente se considera como jogo não é, forçosamente e sempre, lúdico; existe uma quantidade de atividades que não são chamadas de jogo, e, entretanto, podem estar impregnadas de espírito lúdico. Na verdade, as atividades não têm de ser especificamente lúdicas, o que existe é uma atitude lúdica que pode acompanhar diversas atividades. E essa atitude envolve criatividade, liberdade, descoberta, aventura e entusiasmo, podendo, também, trazer uma dose de humor, risco e divertimento.

Dessa forma, os momentos de ludicidade suscitam participação na

---

<sup>79</sup> Caillois. *Os jogos e os homens*, 1990.

<sup>80</sup> Wunenburger. *La fête, le jeu et le sacré*, 1977.

<sup>81</sup> Duvignaud. *Le jeu du jeu*, 1980.

<sup>82</sup> Bousquet. *Théorie et pratique ludiques*, 1984.

vida, o que se faz com a alegria, a descontração, a liberdade, a criação, o inesperado e o limite. Com seu caráter leve, ele dá ao dia-a-dia a possibilidade de uma vivência despreocupada, da qual fazem parte o riso, a dança, a união, as conversas banais, o humor, o entusiasmo, a fantasia e o desejo de viver na multiplicidade e tragicidade da existência.

Viver o presente, valorizar cada instante como se fosse o único e dele retirar o máximo faz com que o cotidiano se abra em múltiplas potencialidades e possibilidades, que ultrapassam as imposições e normatizações de todo tipo. É o lugar da conservação do ser, que, mesmo sob aparente dominação, usa de formas para driblar o imposto, sem ter de atacá-lo. A princípio, os valores e as normas estabelecidas são respeitadas, mas, ao mesmo tempo, há a formação de regras próprias, que permitem viver conforme a vontade de um grupo.

Desse modo, pode-se falar da duplicidade que possibilita a resistência e enriquece o cotidiano, constituindo uma manifestação irreprimível do querer viver. Maffesoli fala a esse respeito que:

“Na verdade, os estatutos sociais não são contestados, o que significa dizer que os valores que os mantêm (que eles mantêm) são aceitos, e *ao mesmo tempo* o sentimento popular não se deixa impressionar por esses papéis e, nesse sentido, as figurações de escárnio ou de malícia restabelecem a reversão social.”<sup>83</sup>

Para além das imposições, existe uma reapropriação, uma criação mínima, que se pode fazer por um desvio, por atitudes não lógicas, por

---

<sup>83</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.118.

brechas, que evidenciam o sentimento trágico e a precariedade dos valores idealizantes.<sup>84</sup>

É nesse contexto que se estrutura a transgressão. Por meio dela, tem-se a possibilidade de ultrapassar limites, fazendo da vida uma aventura, atravessada pelo perigo, pelos segredos, pela coragem e pela cumplicidade.

Segundo Nascimento:

“O poder constituído, em nome do bem comum, circunscreve o interdito em sistemas de proibição: leis, normas, rotinas. As proibições, ao vedar o acesso ou subordinar a uma sanção, paradoxalmente, ao mesmo tempo que criam obstáculos, clamam por violação. Desse modo, o próprio objeto de interdição cria o desejo da transgressão. Essa se apresenta como uma violação da ordem.”<sup>85</sup>

Ao se passar além do instituído ou violar as ordens, a vitalidade vivida no cotidiano e a intensidade que permeia os atos do dia-a-dia podem ser evidenciados. Maffesoli fala, nesse sentido, que:

“Atropelar as convenções morais para a e pela prática da mais sã insolência; dar provas de astúcia; desrespeitar e infringir instituições e regras estabelecidas - tudo isto será, talvez, perigoso se realizado no quadro de uma carreira profissional; porém tudo isto confere ao vivido cotidiano uma rajada de vento passional que estilhaça a grande rigidez da imposição normativa.”<sup>86</sup>

A transgressão, segundo Bonder<sup>87</sup>, permite o crescimento e por ela tem-se a continuidade da existência. Em vez da acomodação, que nos leva a perder a capacidade de detectar o que está ao redor, como, por exemplo, em

---

<sup>84</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>85</sup> Nascimento. *Enfermagem Revista*, 1995b. p.43.

<sup>86</sup> Maffesoli. *A sombra de Dionísio*, 1985. p.97.

<sup>87</sup> Bonder. *A alma imoral*, 1998.

um estado de torpor, fazendo-se sempre o que é esperado, a transgressão volta-se para o despertar, ou seja, a capacidade de perceber as situações da vida, fazendo com que não se fique preso ao estabelecido.

A transgressão indica o desejo de viver o tempo presente, com tudo que tem de caótico, inesperado e rico. Vivê-lo intensamente significa correr riscos, driblar o instituído, criar saídas estratégicas, agir secretamente, mas, principalmente, significa usufruir de cada momento.

Assim se faz o trágico. Valorizando o dia-a-dia e tudo o que nele acontece, o trágico evidencia a precariedade da existência, o seu caráter efêmero e o interesse em viver o aqui e o agora. Dessa maneira, a vida se constrói por meio das pequenas histórias; estas vão constituir a trama das relações sociais, ao contrário de uma História, dominadora, iluminada e com a marca da modernidade.<sup>88</sup> Como assevera Maffesoli:

“Existe o lado iluminado, político, econômico, em todos os sentidos do termo, da existência (...), e existe um lado de sombra, escondido, feito de múltiplas e minúsculas situações e práticas, que é o lugar da conservação de cada indivíduo e da espécie.”<sup>89</sup>

Nesse lado de sombras, no vivido no dia-a-dia, reside a beleza da existência, e para ele se voltam as manifestações que traduzem o sentimento trágico da vida.

---

<sup>88</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

<sup>89</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.66.

## **CAPÍTULO III**

*“Há uma clandestinidade da existência a qual jamais chegaremos a apreender de uma maneira macroscópica - e da qual não dão conta, em número significativo, os documentos quantitativos que pudermos apresentar.”*

## ***Percorrendo um caminho***

Recuperar uma parte da história da EECC por meio do que foi ali vivenciado requer um olhar mais atento ao cotidiano da instituição. Deste modo, é possível perceber os meandros da vida daquelas pessoas, os quais não foram suficientemente considerados, ou, nem mesmo, tidos como importantes, mas contribuíram para a estruturação da escola e a construção de sua história.

O dia-a-dia na EECC, além do lado iluminado, era, também, o lugar do obscuro da vivência de cada um de seus integrantes, constituído de pequenas situações efêmeras, que traduziam o sentimento trágico da vida e, no conjunto, modulavam o que ali era experimentado. A vida quotidiana, como diz Maffesoli:

“... é constituída de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras. É, *stricto sensu*, uma trama feita de minúsculos fios estreitamente tecidos, onde cada um, em particular, é totalmente insignificante.”<sup>90</sup>

O autor<sup>91</sup> afirma que falar do cotidiano significa apreender sons, gostos, cores. Significa tentar mostrar, no seio de uma análise social, a importância e a intensidade do vivenciado no dia-a-dia, no minúsculo das relações sociais.

Busquei na microsociologia - ou seja, na sociologia do cotidiano, das pequenas situações do dia-a-dia -, fundamentada no pensamento de Michel

---

<sup>90</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.146.



Maffesoli<sup>92</sup>, o embasamento para este trabalho. Trata-se de uma sociologia compreensiva, voltada para a interação e a compreensão dos indivíduos, considerando os fenômenos sociais como produtos da atividade humana e enfocando o ser humano dentro do mundo social ao qual pertence. Ela “descreve o vivido naquilo que é”<sup>93</sup>, dando ênfase à globalidade, sem discriminar ou avaliar os fenômenos sociais para poder interpretá-los. Assim, a intersubjetividade é fundamental, pois permite que cada indivíduo possa relacionar-se, compreender o outro e por ele ser compreendido. Como afirma Nascimento:

“Da mesma forma que as experiências não são isoladas entre si - cada experiência existe dentro de um campo circunscrito em um horizonte (de familiaridade e conhecimento) -, a experiência de cada homem também não é isolada dos outros homens, uma vez que ele vive junto a outros homens, sofre as mesmas influências, age e **é agido**. Portanto, o mundo da vida cotidiana, que se mostra como um mundo privado, apresenta-se, na verdade, como um mundo intersubjetivo. Sendo um mundo intersubjetivo, por consequência, o conhecimento sobre ele é também intersubjetivo e socializado.”<sup>94</sup>

Desse modo, adotei neste trabalho, uma atitude compreensiva, a remeter a uma identificação com o outro, a um olhar a partir do interior, sem *pré-conceitos e pré-julgamentos*<sup>95</sup>, deixando que cada situação se apresente como é. Segundo Maffesoli:

“... opostamente à explicação, que é da ordem da representação e que se empenha em fazer ligações

---

<sup>91</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>92</sup> Sociólogo francês, estuda as questões relacionadas ao cotidiano. É professor de Sociologia em Paris-V e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano junto à Universidade de Sorbonne.

<sup>93</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988. p.25.

<sup>94</sup> Nascimento. *O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares*, 1993. p.26.

<sup>95</sup> Maffesoli. *Elogio da razão sensível*, 1998.

unicamente causais, ligações que permanecem abstratas e que são sempre gerais, a compreensão não busca, em primeiro lugar, a causa e o efeito, não possui a quimera do 'porquê'; através do 'como', limitando-se à apresentação das coisas, ela se empenha em apreender a significação interna dos fenômenos observados."<sup>96</sup>

Procurei apreender as nuances do cotidiano na EECC e das relações ali estabelecidas, num caminho ornado pela subjetividade e intuição, sem a pretensão de tudo esgotar e clarear. Por meio do sensível, busquei adentrar pela vivência dos integrantes da escola, para chegar à compreensão do que ali era experimentado, em suas manifestações trágicas.

### ***A forma: um auxílio na caminhada***

Como um recurso metodológico para a compreensão de uma parte do vivido na EECC, utilizei a noção de forma de que fala Maffesoli.<sup>97</sup> Inspirado em Simmel, que aborda essa questão utilizando o termo "*formal*", ou seja, concernente a uma forma, distinguindo-o de "*formell*" (sic), no sentido de aspecto formal<sup>98</sup>, Maffesoli usa essa noção para indicar a importância da aparência e do frívolo nas relações sociais.<sup>99</sup> Segundo ele, a forma:

“... parece bastante adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana. (...)

---

<sup>96</sup> Maffesoli. *Elogio da razão sensível*, 1998. p.145.

<sup>97</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988; *No fundo das aparências*, 1996; *Elogio da razão sensível*, 1998.

<sup>98</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988.

<sup>99</sup> Maffesoli. *Elogio da razão sensível*, 1998.

trata-se, portanto, de modulação temperada que permite apreender a labilidade tanto quanto as correntes quentes do vivido.”<sup>100</sup>

A forma dá ênfase à multiplicidade de valores existentes nas relações sociais, sem unificá-los em um todo homogêneo. Ao contrário, ela “agrega, agrupa, modela uma unicidade, deixando a cada elemento sua própria autonomia”<sup>101</sup> e, nesse sentido, faz a coesão de elementos díspares. Sua função é valorizar, pôr em relevo a vivência quotidiana, assim como uma moldura faz com um quadro.<sup>102</sup> Desse modo, como afirma Costa:

“... a forma permite destacar as grandes linhas presentes nas diversas facetas da vida em seu desenvolvimento, permitindo atribuir importância a todos os elementos que a compõem e possibilitando uma apreciação mais fluida e flexível da exuberância da vida em sociedade.”<sup>103</sup>

Como pode apresentar-se sob diversas modulações, a forma dá destaque ao minúsculo, levando em conta a multiplicidade de seus aspectos. Assim, sua utilização remete à valorização das pequenas situações, que se apresentam como são e indicam a dinâmica e a efervescência presentes no dia-a-dia. Segundo Maffesoli:

“... a atitude formista respeita a banalidade da existência, das representações populares e das minúsculas criações que pontuam a vida de todos os dias. Ela não é doadora de sentido; ela não inscreve nada numa dada finalidade religiosa, política ou econômica; ela não formula imperativos categóricos. À sua maneira, ela se contenta

---

<sup>100</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988. p.26.

<sup>101</sup> Maffesoli. *Elogio da razão sensível*, 1998. p.90.

<sup>102</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988.

<sup>103</sup> Costa. *A convivência dos familiares com o doente mental*, 1998. p.36.

em dizer o seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que uma sociedade produz a seu próprio respeito.”<sup>104</sup>

A forma valoriza aquilo que é dado ver e viver<sup>105</sup>, ressaltando a beleza e a intensidade nas manifestações do sentimento trágico da vida. Sendo assim, por meio dos documentos que descrevo a seguir, procurei valorizar e evidenciar os matizes e contornos do cotidiano na EECC os quais se apresentaram ao meu olhar.

### ***Das fontes às formas: em busca da compreensão***

Para recuperar o vivido na escola em suas manifestações trágicas, parti de fontes documentais pertencentes ao Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG relacionadas ao período de 1933 a 1968, época em que a instituição era denominada Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Este recorte foi feito levando em consideração o fato de as datas citadas constituírem marcos na história da Escola de Enfermagem. O ano de 1933 foi o de sua criação, e 1968 foi o ano em que a escola, quando da reforma universitária, desanexou-se da Faculdade de Medicina e se tornou uma unidade autônoma, passando a se chamar Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

<sup>104</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988. p.112.

<sup>105</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

Procurando por manifestações trágicas, pelo minúsculo ali vivido, senti a necessidade de recorrer a fontes que pudessem retratar o cotidiano da EECC. Como já havia participado de pesquisas relacionadas à história da escola, optei por trabalhar com três fontes que descrevo em seguida.

Tive acesso a esse material mediante um pedido de autorização apresentado à coordenação do Centro de Memória da EEUFMG; a partir daí, pude trabalhar com as cópias das publicações solicitadas e com a transcrição das entrevistas pertencentes ao Acervo Oral da EECC.<sup>106</sup> Assim, foram utilizadas neste trabalho as entrevistas citadas, bem como o jornal denominado “Cinco P´ras Dez” e a revista “A Enfermagem em Minas”.

## **Descrição das fontes**

### *Jornal “Cinco P´ras Dez”*

Órgão de divulgação do Grêmio Literário “9:55”, da escola, consta de 21 exemplares, que vão de junho de 1935 a abril de 1940, em publicações quinzenais.<sup>107</sup> Divide-se em sessões, com informações em verso e em prosa, retratando, como ilustram Nascimento, Santos & Caldeira, “o cotidiano, essencialmente lúdico, leve e prazeroso, de alunas, Instrutoras e funcionários.”<sup>108</sup> O jornal também relata aspectos do relacionamento dos integrantes da EECC com os seus familiares, os visitantes e a comunidade.

---

<sup>106</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. AOEC, 1995/1999.

<sup>107</sup> Cabe ressaltar que esse material não se encontra completo. Pelas datas dos jornais, é possível perceber que estão faltando alguns números, que não foram encontrados.

<sup>108</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999. p.187.

### *Revista “A Enfermagem em Minas”*

Essa revista foi produzida pela EECC de 1936 a 1938, e foram editados nove exemplares: “foi o primeiro periódico nacional da área de Enfermagem com proposta de ‘revista mensal ilustrada’.”<sup>109</sup> Trata de temas técnicos, religiosos, traz relatos sobre o vivido no internato e na EECC, bem como notícias sobre comemorações e homenagens ocorridas na escola.

### *Entrevistas do Acervo Oral da EECC*

Essas entrevistas são relatos de alunas, professoras, diretoras e funcionárias da EECC, abordando temas variados, tanto os relacionados ao mundo acadêmico quanto ao cotidiano dos integrantes da escola. Nesse acervo, há 21 entrevistas editadas, realizadas no período de 1995 a 1999, por meio da história oral. Procurando abranger os 35 anos de existência da EECC, inclui depoimentos como o de uma aluna que pertenceu à primeira turma da escola, em 1933, e o de alunas ou funcionárias nos anos subseqüentes, até 1968.

## **Utilização das fontes**

De posse desse material, tinha em mãos duas fontes das décadas de 30 e 40, com todas as suas peculiaridades em termos de escrita, e uma outra, mais recente, produzida nos anos 90. Assim, optei por iniciar a leitura do material pelos documentos mais antigos, por entender que, se surgisse alguma dúvida, eu poderia solucioná-la posteriormente, com a leitura das entrevistas.

---

<sup>109</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999. p.124.

Fiz, então, uma primeira leitura dos exemplares do jornal “Cinco P’ras Dez”, procurando fazer um resumo do que nele encontrava, o que me facilitaria, em muito, quando do retorno a esse material. O mesmo aconteceu com as revistas: também delas procurei resumir os artigos.

Em seguida, passei à leitura das entrevistas; à medida que ia lendo, ia retirando o que era importante para o trabalho. A princípio, fui marcando, nas próprias entrevistas, as partes selecionadas, para, posteriormente, recortá-las. Ressalto que as entrevistas foram identificadas por números, de modo a preservar os nomes das depoentes.

Voltei, então, ao jornal e à revista. Pelo resumo dos artigos, já feito, pude descartar alguns deles, pois fugiam ao objetivo do trabalho. Com essa nova leitura, selecionei as partes que me interessavam, mantendo a escrita original das publicações, com as características lingüísticas da época.

Fiz, então, o recorte das partes selecionadas, as quais chamei de unidades morfológicas, por se tratar das manifestações que me levariam às grandes formas do vivido na EECC e as transcrevi em um caderno, que passaria a ser o meu material de trabalho. Cabe ressaltar que, das 21 entrevistas, encontrei unidades morfológicas em 14; com relação ao jornal, utilizei dez de seus exemplares; das revistas, pude aproveitar cinco exemplares.

A seguir, passei à leitura das unidades selecionadas. Procurei caracterizar cada unidade recortada com uma palavra que, a meu ver, resumia o seu conteúdo. Ao final dessa nomeação, levantei os pontos semelhantes e os dissemelhantes e fiz uma nova organização do material, reagrupando as

unidades: fui constituindo os “grupos de afinidades morfológicas” de que fala Maffesoli, tomando emprestada uma expressão de Spengler.<sup>110</sup> Ao proceder à renomeação das unidades, tomava como base um termo que caracterizasse o conjunto ao qual cada unidade pertencia; assim, cada recorte e agrupamento realizado me permitia uma aproximação das formas do vivido na escola.

Desse modo, ao selecionar o material, cheguei a quatro grandes formas relacionadas às manifestações quotidianas que constituem o sentimento trágico da vida: elas remetem à questão do **espaço**, à da **diferença**, à do **lúdico** e à da **transgressão** dentro da escola e são apresentadas no capítulo a seguir. A partir dessa organização, desenvolvi uma análise compreensiva, procurando valorizar a vivência dos integrantes da EECC. Como afirma Maffesoli<sup>111</sup>, trata-se de resgatar algo de imaterial - estado de espírito, maneira de ser, pensar e agir - que perpassa o quotidiano e dá sentido à existência social.

---

<sup>110</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988.

<sup>111</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.



## **CAPÍTULO IV**

*“Ao lado dos fenômenos visíveis que se impõem por sua extensão e por sua importância externa, existe um número imenso de formas de relação e de interação entre os homens, que, nesses casos particulares, parecem de mínima monta, mas que se oferecem em quantidade incalculável e são as que produzem a sociedade, tal como a conhecemos.”*

*Georg Simmel*

## ***O trágico vivido na Escola de Enfermagem e suas formas de apresentação***

Em meio à trama oficial da Escola Enfermagem Carlos Chagas - o lado iluminado -, os documentos a que me referi indicam uma vivência rica daquelas pessoas. Esse lado, de sombras, pouco revelado, permitiu-me entender um pouco dos interstícios que contribuíram para a estruturação da EECC.

Agrupei em quatro grandes formas - **espaço, diferença, lúdico e transgressão** - as manifestações do sentimento trágico na instituição. Em alguns momentos, senti a necessidade de subdividi-las, para que a riqueza dos detalhes fosse evidenciada. Tal organização tem contornos fluidos, não se trata de uma separação rigorosa, mas de uma complementaridade entre as formas apresentadas, evidenciando o todo sobre o qual se modulou o vivido na EECC. Assim, com base no material pesquisado, apresento a seguinte organização:

- ***O espaço da vivência***

- ***A diferença em jogo***

  - Hierarquia

  - Afrontamento

  - Convivência

- ***O envolvente lúdico***

  - “Era assim a nossa vida na escola”

  - “Um ambiente bastante agradável”

- ***A arte de transgredir***

## ***O espaço da vivência***

Vivendo instantes únicos e extremamente ricos, os integrantes da EECC fizeram da instituição muito mais que um lugar de estudo e de moradia. Ali foram experimentados os mais diferentes sentimentos e vividas situações as mais variadas, envolvendo partilha e interação, evidenciando o espaço da vivência na escola.

Os relatos a seguir ilustram o espaço de vivência no qual se modulava a EECC e as relações ali estabelecidas:

"... e aí quando tinha essas comemorações era uma maravilha, porque aí a gente comia como gente. E eu lembro, e aí vinha assim três quilos de goiabada, as pessoas já devem ter falado dessa goiabada, porque era... Aí a gente, não dava pra comer o bife, não, você pode imaginar o que não dá, uma coisa gostosíssima que é bife não dá pra comer. Aí o que acontecia, aí a gente pegava pão e punha goiabada no pão, nosso almoço era pão, a gente, ah, sei lá, a gente se virava. Tinha uma mulher lá que fazia uns bolinhos de soja, a gente ia comer esses bolinhos de soja à tarde, saía acho que pra casa de amigos, sei lá. Até que veio esse jantar, né, que aí, realmente, foi um jantar maravilhoso." (Entrevista 16, 1996. p.23).

"... então, eu ia para festas levando uns livrinhos para ler, para decorar feito uma condenada. A gente decorava porque a gente não entendia nada daquilo, não sabia para que precisava daquilo. (...) E eram coisas que não tinham nenhuma necessidade de você aprender. Então, a gente decorava feito uma louca, usando os livros que eram usados na medicina, não tinha nada adequado." (Entrevista 6, 1996. p.26).

Além desses relatos, as publicações da época, em verso ou em prosa, deixam à mostra o cotidiano da escola:

"Apesar de ser coelho  
Anda sempre devagar.  
Mas isso não a impediu  
De a tempo o curso acabar.

'Devagar se vae ao longe...' parece ser o seu lema.

Em vesperas de prova, quando todas se afobam, passando noites em claro para tentar ganhar 10, só ela se mostra calma, risonha, levando a vida na mesma 'velocidade'. Fala, anda, come... devagar. No seculo da eletricidade, isso é fantastico! O fáto é que está diplomada na mesma hora que suas colégas." (Perfis ..., 1937. p.14).

"Cheguei á janella de um quarto da ala direita, attrahida pelo ar fresco da noite e o murmurio de um regato que corria (hoje não corre mais) no fundo da chacara. A noite estava mais clara, já não chuviscava. Divisei as palmeiras do quintal, a falada piscina, que me pareceu mais restos de um castello abandonado." (Cardoso, 1936. p.52).

"Nosso primeiro encontro com a humanidade soffredora foi cheio de emoções indeleveis - daqui uma alumna reclamava não conseguir contar o pulso de creanças, outra embrulhava todas as observações das papeletas; porém, o factio mais frisante foi a emoção de que foi victima uma alumna ao assistir a um curativo - argurio aos *neophitos*." (Moreira, 1936. p.75).

"O sino toca ás 6.15. Efigenia espriguiçando-se:

- Todo dia nesta vida

- Acordo cedo para a lida

Toca o segundo sino ás 6.45

D. Georgina para Primavéra:

- Primavéra você está sempre atrasada!!

Esta retruca indignada:

- D. Georgina, só? Não tem mais nada?

D. Georgina:

- Assim tambem e demais

- Desta maneira vae tudo pr'a traz.

Filotéa intervem como anjo da paz (vendo-se em seus olhos a expressão dos da Hilda.)

- Deixemos de briga de manhã cedo.

- Vamos tomar café

- Pr'a trabalharmos sem medo.

Na outra meza Lourdes e Maria José exclamam:

- Aqui não ha leite, não ha nada!!

E os olhos da Economa logo inflamam.

- Leonilia! Depressa, você parece fada!

- Eunice, Jacy, Conceição, andem, mais presteza!

E um deles logo exclama:

- O dia amanheceu ... e eu já tinha destreza! ..." (Pessanha, 1935).

"Sonhava com a volta para a Escola de Enfermagem, como quem sonha com um sonho distante ... Sentia falta de todos e de tudo: Da nossa missa em comum após o sino, (que nos dá impetos de sumir com

a Jojóca) das chamadinhas em particular, dos sustos coletivos, das aulas, dos apuros de provas ..." (Simone, 1940).

A EECC apresenta-se, por meio dos relatos e das publicações citadas, como um lugar de interação, sonhos e efervescência, onde o sentimento de coletividade era evidenciado, alicerçando as relações daquelas pessoas e integrando o que ali era vivido. Muito mais que um lugar físico, os relatos indicam um espaço de agregação, em que era possível compartilhar emoções, sentimentos e sensações, realçar a importância do estar-junto e viver, com toda a sua tragicidade, o aqui e o agora.

Os depoimentos denunciam, por exemplo, as "manobras" para resolver determinadas situações: se não era possível "comer o bife" ou estudar antes das festas, elas utilizavam da improvisação para que pudessem aproveitar cada momento - almoçavam goiabada com pão, ou saíam levando os livros, para decorá-los.

Os relatos evidenciam, também, o espaço da troca: havia a possibilidade de interação com pessoas diferentes, que tinham reações variadas diante de cada situação. Desse modo, enquanto uma aluna se mantinha calma e risonha às vésperas de uma prova, as outras se preocupavam; cada qual com suas características, buscavam uns nos outros a complementaridade, num dar e receber constantes.

A partir dos depoimentos e documentos, percebo que, à época, era possível viver o instante único, sem preocupação com o que viria depois. O valor recaía na intensidade de cada momento: o primeiro encontro com o doente, que suscitava "emoções indeléveis"; o chegar até a janela e sentir o ar

fresco da noite, escutar o barulho das águas e avistar o quintal. Cada dia era vivido com tudo de melhor e de pior, sem pressa para se chegar ao outro dia. Um corriqueiro café da manhã podia suscitar diferentes reclamações - como a falta de leite e as “briguinhas” entre colegas -, mas parece que o importante era usufruir do cotidiano rico e efêmero da escola, de modo a viver intensamente cada momento.

O depoimento de uma integrante da EECC remete ao espaço de sonhos no qual a escola também se estruturava, evidenciando o desejo de reviver situações ali ocorridas. Pela riqueza e intensidade de tais momentos, sonhava-se com a volta à escola para reviver os “momentos da missa”, as “chamadinhas em particular”, os “sustos coletivos” e os “apuros nas provas”. Instantes únicos, que marcaram a vida daquelas pessoas.

Os depoimentos e documentos revelam vitalidade: as pessoas afirmavam sua presença em um espaço de interação e nele viviam intensamente cada momento. Isto porque a vivência, além de ocorrer no espaço do trágico, em que cada situação é única e efêmera, dava-se no espaço do coletivo, em que era possível experimentar o vivido junto com os outros. Nesse sentido, Maffesoli fala de um “estilo estético”, no qual partilham-se com o outro as emoções e os sentimentos comuns.<sup>112</sup>

A escola era um espaço de comunhão. O que acontecia ali envolvia seus integrantes, que, dia após dia, reconstruíam e reformulavam suas vivências, evidenciando o sentimento do coletivo. Sem uma finalidade a ser buscada e sem projeções futuras, a vivência coletiva favorece um estar-junto

---

<sup>112</sup> Maffesoli. *A contemplação do mundo*, 1995.

que busca usufruir do que é dado viver.<sup>113</sup> E esse estar-junto remete a uma substituição do “eu” e do “tu” por um “nós”<sup>114</sup>, feito de identificação, interação e conflitos.

Viver na EECC, compartilhando afeto e participando do cotidiano, envolvia cumplicidade, comunhão, conflitos e tensões. Segundo Maffesoli:

“A espacialidade onde ‘tudo junto adquire corpo’ é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões, é uma ‘casa’ objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente, na palidez e no brilho, fundada, como toda situação mundana, no limite.”<sup>115</sup>

Fundado, então, no presente, no limite, o espaço da vivência na escola integra o cotidiano, em que cada situação, por menor que seja, tem importância e é única. Esse espaço podia ser desfrutado de diferentes maneiras e permitia a convivência das pessoas, enquanto grupo, relacionando-se todo o tempo.

A “casa”, que abrigava estudantes, professores e funcionários, era a acentuação da proximidade e da intimidade; entendo que era a referência, o ponto a partir do qual se organizava aquele grupo ligado à enfermagem, assim como seus hábitos e sua memória. Ali se experimentavam alegrias e desventuras e para ali se voltavam as múltiplas potencialidades do cotidiano.

Maffesoli fala, a esse respeito, da “domus”, em que tudo junto adquire corpo<sup>116</sup>, ou seja “um conjunto que reúne homens, animais, plantas, moradas,

---

<sup>113</sup> Maffesoli. *A contemplação do mundo*, 1995.

<sup>114</sup> Maffesoli. *L’Instant éternel*, 2000.

<sup>115</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.58.

<sup>116</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

solo, ligando uns aos outros.”<sup>117</sup> Trata-se de um espaço em que é possível reconhecer-se ao se identificar com o outro; ali o tempo presente é ordenado; ali se elabora uma forma de liberdade intersticial, que se liga diretamente ao próximo e ao concreto.<sup>118</sup>

Assim, integrando o espaço físico e o espaço vivido, a EECC se alicerçou no viver coletivo, deu provas de sua grandiosidade e beleza, foi o espaço da partilha e da intensidade e deu aos seus integrantes a possibilidade de usufruir de um cotidiano rico, trágico e intenso.

## ***A diferença em jogo***

O trágico vivido na EECC trazia a marca da diferença. Essa, expressa na **hierarquia**, no **afrontamento** e na **convivência**, constitui uma forma social que pode ser vivida de maneira mais amena, ou evidenciando os contrastes. Ela elucida a trama das relações sociais e põe em jogo o dia-a-dia das alunas, das professoras e dos funcionários da escola.

### **Hierarquia**

O vivido na EECC seguia uma hierarquia: cada pessoa representava um papel, quer de superior, quer de subordinado, e assumia as implicações do lugar ocupado.

---

<sup>117</sup> Nascimento. *O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares*, 1993. p.28.

<sup>118</sup> Maffesoli. *No fundo das aparências*, 1996.



Os trechos a seguir mostram como era o dia-a-dia na escola com relação à hierarquia e suas possíveis conseqüências:

"As alunas mais antigas, as alunas mais adiantadas. Nossa! Tinha uma... como é que era, como é que nós vamos falar? É, era uma hierarquia, muitas vezes a gente era obrigada a respeitar. Então, algumas abusavam dessa hierarquia. Outras não! Eram mais educadas. Eu acredito que isso tudo vem da educação." (Entrevista 1, 1995. p.19).

"... e eu me lembro que um dia estou eu trocando de roupa, e a El.<sup>119</sup> se dava o direito de invadir qualquer lugar que você estivesse, para ver como você estava. Quer dizer, a fiscalização, aquilo ali gente, nem presidiária vivia um clima daqueles, a El. abre a porta, e eu estou desfiando o meu coque-banana pra ficar mais alto. Gente, ela me deu uma parada com esse meu cabelo, na frente das minhas colegas externas que estavam se aprontando, mas ela acabou comigo, acabou comigo." (Entrevista 6, 1996. p.37).

"... eu fui presidente da comissão de formatura, alguma coisa do gênero. E eu me lembro que a El. já tinha um comportamento completamente anti-social. Ela boicotou tudo que podia ser de importante nessa formatura da gente. Foi nessa época que ela já começou, a gente já achava ela muito pior que era antes, e aí ela, ela foi tirada, mandada para uma outra cidade e depois nós ficamos sabendo que ela tinha sido internada." (Entrevista 6, 1996. p.52).

"... todo mundo que entrava ia pra praça 11 [nome dado ao quarto do internato que tinha 11 camas] no meio das outras. Nós, eu criada com irmãs, a DU. idem, a EZ. também idem, ah Jesus, que sofrimento, começava aquela fumação, fumando e elas [as alunas mais antigas] faziam de propósito, elas falavam assim 'minha Nossa Senhora aqui ninguém presta', a DU. com aquele olhão arregalado. 'Ninguém presta' e elas faziam de propósito, falavam tanta asneira." (Entrevista 9, 1996. p.8).

"... olha, nós fazíamos noite [plantão], por exemplo, no Municipal, né? E vínhamos parar aqui na Serra [bairro de BH] de bonde. Se no meio do caminho entrasse uma das..., nós éramos da série B, da série A [alunas], você tinha que se levantar, ficar em pé e dar lugar pra outra morrendo de sono... Eu me lembro muito bem, tinha uma, da série A, eu não esqueço disso, eu estava cansadíssima, muito magra e não era muito bem alimentada, então, eu vinha sentada, ela chegou, olhou pra mim, eu não sei por que que eu, toda vida, eu gostei muito de acatar ordem, mas eu acho que eu não estava bem, não dei lugar pra ela. Você crê que eu fui descendo do bonde quando eu entrei na porta já tinha um recado pra lá para o quarto da dona Pl. pra me

---

<sup>119</sup> Os nomes das pessoas citadas foram substituídos por letras.

chamar atenção, porque ela foi lá contar que eu não dei lugar pra ela, isto, viu, quer dizer, são pequenas coisas." (Entrevista 9, 1996. p.11).

"Dona Ll. era o tipo da mulher completa, muito digna, inteligente, preparada, muito compreensiva. Qualquer coisa que acontecesse com as alunas, se uma aluna procedesse mal, ela chamava, aquilo ficava abafado; a gente sabia umas pelas outras, assim que as conversinhas com tantas historinhas, né?" (Entrevista 2, 1995. p.5).

"YL. e VT. eram encarregadas do estágio. Então, elas faziam, era uma coisa tão patológica, que, para pegar a gente em pequenas faltas, elas criavam os flagrantes, para poder abocanhar a gente, não é?" (Entrevista 6, 1996. p.27).

"YL., por exemplo, você tinha que deixar a sala de expurgo, não expurgo, um tanque velho lá, onde você lavava coisas, na mais absoluta ordem. Então, se limpava, igual dona de casa, não é: lavava tanque, passava paninho, deixava o sabão no lugar certo, tudo no lugar certo. Então, inúmeras vezes elas iam, depois que acabava o estágio, e tiravam as coisas do lugar, desarranjavam, não é, para no dia seguinte falar: 'deixaram, não é?' (...) Quer dizer, pacotes que eram para a estufa, que era para a autoclave, isso às vezes eram trocados propositalmente, por elas, para mostrar o tanto que era importante a gente observar, sabe? Sacanagem assim, elas eram pessoas doentes." (Entrevista 6, 1996. p.27).

"Aí eu fui para praia, e a VT. tomava conta desse centro cirúrgico; tomava conta assim, acho que ela era enfermeira desse centro cirúrgico, era supervisora de alunos. E eu voltei da praia, acho que foi um feriado, um carnaval, alguma coisa assim, eu fui para praia e voltei queimadinha, e estava no elevador, na porta do elevador eu, essa pessoa que era responsável pelo laboratório e mais algumas pessoas - nós íamos tomar café. E o ambulatório de ginecologia cheio, aqueles corredores todos cheios, não é? Aquelas conversas bobas esperando o elevador, e alguém falou da minha pele, e o MR. atrevidamente falou: 'Se ela está queimadinha, a pele é macia', e levou a mão para passar assim, nesta posição [faz gesto com a mão], olha que ele faz isso, a VT. irrompe as portas do centro cirúrgico e pega o flagrante. Ela não pensou... Não chegou a passar, ele fez isso [mostrando com a mão próxima do rosto]... ele ia fazer isso [gesto]... nem esse carinhozinho eu ganhei. E veio a bronca sem razão. Aí irrompe as portas do centro cirúrgico, a megera domada aparece 'O que é isso, médico esfregando aluna da escola de enfermagem!' E aí foi um rebu." (Entrevista 6, 1996. p.30).

"Bom, aí, eu tinha um medo da El. e de todo o mundo, não é? Depois de uma situação dessa ["suposto" flagra de um médico "acariciando" o seu rosto] eu estava mais apavorada ainda (...)." (Entrevista 6, 1996. p.31).

Pelos trechos apresentados, percebo que a pessoa, ao ocupar uma posição de mando na instituição, podia usufruir de um poder e de uma autoridade tais, que, muitas vezes, abusava do papel que lhe cabia.

Situações como invadir um local com o pretexto de fiscalizar o que estava acontecendo; boicotar acontecimentos importantes para as alunas; trocar objetos de lugar para criar "faltas" e flagrar "supostas" ocorrências são relatadas, dando mostras de que a hierarquia, nesses casos, remete à crueldade. Pelos depoimentos, percebo que as pessoas subordinadas se sentiam, freqüentemente, acuadas, inseguras, como ilustram os relatos seguintes: "Bom, aí, eu tinha um medo da El. e de todo o mundo, não é?" "Gente, ela me deu uma parada com esse meu cabelo, na frente das minhas colegas externas que estavam se aprontando, mas ela acabou comigo."

O vivido pelos integrantes da escola, ao que tudo indica, traz a marca da censura, e mesmo situações banais do cotidiano podiam ter o sentido alterado, invertido, gerando críticas e punições por parte dos superiores e suscitando medo, insegurança, sentimento de inferioridade. Chamar a atenção na frente dos outros "dava resultado": a pessoa ficava exposta, vulnerável, sem ter como se defender e, naquele momento, restava-lhe acatar a imposição. O constrangimento fazia com que a pessoa recuasse e se esforçasse para que a situação não se repetisse, pois era traumatizante. Nos relatos citados, percebo que alguns dos integrantes da escola valeram-se desse "recurso" para afirmar seu poder e sua posição privilegiada na hierarquia.

Maffesoli fala, a esse respeito, que “também na hierarquia, a crueldade não é negada ou ocultada, é quase que intencionalmente imposta de maneira alternada, inscrevendo-se numa mobilidade sem fim, o que a torna menos difícil de ser vivida.”<sup>120</sup>

Tal mobilidade é vivenciada pela circulação de papéis que a hierarquia suscita, remetendo ao trágico do instante, à situação efêmera de ser, por um momento, superior e subordinado. Os relatos dão mostras dessa circulação de papéis. Assim, acatando as ordens das instrutoras, das professoras e da diretora, as alunas se colocavam em posição de subordinação, mas, ao mesmo tempo, eram elas (as alunas) as superiores com relação às iniciantes e podiam fazer com estas o mesmo que as dirigentes faziam. Por isto, podiam “aterrorizar” as iniciantes, afirmando que “aqui ninguém presta”; podiam fumar dentro do quarto; podiam exigir que o lugar no bonde lhes fosse cedido.

Essa inversão de papéis parece gerar prazer: ao assumir uma determinada posição na hierarquia, cada qual queria mostrar superioridade, quer de um modo mais sutil, quer valendo-se de autoridade e poder.

Por meio dos depoimentos, fica evidente que a hierarquia provocava relações intensas entre as pessoas; como ela estabelece onde cada um deve estar, marca a diferença, colocando em questão a superioridade, a subordinação e, freqüentemente, a tensão existente entre essas.

Os relatos ilustram, também, que não se é superior todo o tempo, assim como não se é subordinado em todas as situações. Como afirma Maffesoli, “a hierarquia é uma circulação acelerada de relações onde cada um

---

<sup>120</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.104.

é, alternadamente, o dominante ou o dominado, o que comanda ou o que executa, o senhor e o escravo.”<sup>121</sup> O autor diz, ainda, que existe, na hierarquia, a complementaridade. Assim, “as figuras particulares se alteram; as combinações se fazem e se desfazem; o passivo e o ativo são papéis que, cada qual por seu turno, os protagonistas assumem.”<sup>122</sup>

De uma maneira mais sutil, a hierarquia relaciona-se, também, à diferenciação, sem o sentido de poder a ela atribuído, ou de abuso de autoridade. Pelos depoimentos, os lugares ocupados na hierarquia da escola identificavam seus componentes, e a posição privilegiada de uma pessoa em relação a outra remetia à experiência, à vivência como profissional, que podia orientar as demais. Como figura no relato: “Qualquer coisa que acontecesse com as alunas, se uma aluna procedesse mal, ela chamava, aquilo ficava abafado.” Então, não era preciso alarde para resolver os problemas, podia-se conversar com a pessoa sem que ela fosse exposta demasiadamente, a não ser por fofocas: “a gente sabia umas pelas outras.”

Os depoimentos ilustram que, na relação hierárquica, posições eram ocupadas, e podiam significar poder, servir para diferenciar e remeter à submissão. Considerando a diferença, que, segundo Maffesoli<sup>123</sup>, não pode ser reduzida e sempre ressurgue nas estruturações sociais, a hierarquia vige e se modula. Alicerçada em solo rico, “ela pode até ser o lugar de uma tensão vivida coletivamente, conferindo à existência toda a sua intensidade e qualidade.”<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.103.

<sup>122</sup> Maffesoli. *A sombra de Dionísio*, 1985. p.76.

<sup>123</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>124</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.101.

Assim, nas relações existentes na EECC, a diferença, expressa na hierarquia, remete a um intenso vivido. Driblar o estabelecido por meio de imposições, jogar com diferentes máscaras, teatralizar a vida, tais momentos perpassaram o vivido na instituição e fizeram das interações existentes na sua hierarquia uma manifestação do querer viver dos integrantes da EECC.

## **Afrontamento**

Na EECC, em algumas ocasiões, foram contestadas as imposições e as ordens. Pelo afrontamento, eram colocados frente a frente, tanto a moral quanto os próprios valores da escola, evidenciando as diferenças ali existentes.

Esta questão pode ser percebida pelos seguintes relatos:

“Houve um caso muito interessante, veio uma moça de Poços de Caldas, MI., fazia o curso aqui e lá ela pertencia à associação dos cachorros, gostava demais de cachorro. Nós estávamos na aula de religião do padre AV., e padre AV., você tinha que ficar assim, o cachorro latiu, ela saiu e foi pra janela e xingou alguém que estava judiando do cachorro. Nossa senhora, o padre AV. parou de dar aula expulsou-a por causa disso.” (Entrevista 9, 1996. p.17).

“Instrutora, a dona RG. era instrutora. Então, nós estávamos, todas tinham prova. E esse dia a, essa moça, minha colega, ia fazer plantão na Santa Casa, e ela, a dona RG., mandou que eu fosse fazer o plantão. Eu falei que não ia não, porque não era dia de meu plantão. E ela falou: ‘Mas todo o mundo tem prova’. E eu disse: ‘Eu também tenho’. ‘Mas ela não pôde estudar’. ‘Eu também não pude’. Aí ela foi: ‘Ah, então, a senhora vai porque a, a moça’. ‘Olha eu vou, mas’, aí eu fui lá, saindo assim. Chegou lá, e a dona RG. foi atrás. Chegou lá, eu lembro, lendo a prova. Decorando as respostas da prova. Aí suspendeu a prova, designou outra prova né?” (Entrevista 8, 1996. p.21).

“... eu sempre fui muito, graças a Deus, fui muito rebelde. Graças a Deus, fui muito rebelde.” (Entrevista 1, 1995. p.16).

“Nunca tive problemas extraordinários com elas [as alunas]; só no momento que houve uma greve lá, dos estudantes, que algumas aderiram à greve e deu um ‘cadinho’ de barulho lá, né? Teve que

fazer um pouquinho de força, mas coisa extraordinária não aconteceu, não. (...) os estudantes de Medicina que começaram e algumas alunas da escola aderiram, né?" (Entrevista 2, 1995. p.8).

"Aí um dia a gente estava fazendo uma prova e acabei a prova, entreguei o professor, porque às vezes a gente pensa alto, né: 'Será 7, será 8, não sei.' Pelo jeito dele mexer com a mão, ele estava tomando conta da prova, foi assim: 'Depois da aula queria falar com a senhora.' 'Perfeitamente.' Aí eu fui, terminou, todo o mundo saiu, e aí ela esqueceu: 'Mas a senhora não queria falar comigo?' 'É mesmo.' Fomos pra sala de técnica, entramos, ela fechou a porta com chave. Pensei: segredo mesmo, de porta fechada. Aí foi bem assim: 'Da próxima vez que a senhora estiver soprando [fez gesto com o dedo imitando a professora] assim..., soprando eu vou levar a senhora até a diretora, senhora vai ver.' Eu falei: 'O quê? Da próxima vez? Não vai ter próxima vez não, a senhora vai levar agora - falei com ela - [fez gesto com o dedo, o mesmo feito pela professora], vamos agora.' Como ela fez, eu fiz também fiz, né: 'Vamos agora. Eu não estava ensinando, (...) se elas tiram dez, eu tiro zero, de agora em diante eu vou soprar e vou ensinar - falei com ela - vamos lá.' Eu queria abrir a porta, ela não queria deixar, e tudo, né, passou." (Entrevista 21, 1998. p.24).

"Mas a gente tinha, por exemplo, na minha turma, tinha esse caso da DL., né, que inclusive era parente do LZ., ou parente por afinidade, porque os parentes dela casavam com os parentes do LZ. Era uma pessoa assim, eu acho até que havia menos arrogância da escola para tratar a DL., sabe? A DL. teve uns pitis de crise emocionais, de crises existenciais que fizeram vista grossa, sabe? LZ., porque tinha topete demais e uma língua felina, então eu me lembro que ela rebatia bem, sabe, sofria pra danar, mas que oh!, ela não deixava para depois. Então, essas que conseguiram colocar alguns limites, ou em função de ser mais arrogante, ou em função de ter uma família que respaldasse, eram mais respeitadas. Era como assim, se a escola precisasse delas, e elas não precisassem da escola; as demais, sobretudo essas, sem eira nem beira, gente órfã, gente que não tinha família, tipo AR. assim, era massacrada. Essa aí eles aprontavam." (Entrevista 6, 1996. p.47).

"A outra, é essa CA. Ela reagiu contra uma professora que, naquela época o médico chegava e a professora falava assim: 'levanta e dá a cadeira para o médico!' Não é? Você tinha que levantar, dar a cadeira para o médico sentar, e você ficava de pé. E essa menina se recusou com a professora a dar a cadeira. Ela falou assim: 'eu tenho os mesmos direitos que ele tem'. E aí instalaram um processo contra ela para ela ser expulsa da escola." (Entrevista 7, 1996. p.26).

"Polícia Federal, não é? Então eles deram batida em tudo, no Diretório Acadêmico aí, aqui também tinha Diretório Acadêmico. Só que eles não ficaram só na sede do Diretório Acadêmico. O Diretório

Acadêmico tinha uma salinha, não é? E eles foram no dormitório das alunas. Eles deram batida no dormitório. E nessa batida eles encontraram material subversivo, dizem eles que era subversivo, no quarto da DR. Olha a DR. Então, foi a DR. que eles pegaram. A DR. ela, tinha assim, uma voz ativa. Desde o começo a DR. começou a se impor dentro da Escola de Enfermagem. Como aluna, não é? É que ela não aceitava as coisas como as pessoas normalmente aceitam, não é? Ela questionava, ela não aceitava. [Encontraram] negócio do Diretório Acadêmico. Confusão assim de, de ir contra o governo, sabe? Manifesto. Só do manifesto. Não tinha nada assim, de grande complicação não. E eles prenderam a DR., sabe? Levaram pra penitenciária de mulheres, tá?" (Entrevista 7, 1996. p.68).

"Foi, foi sim, nós começamos um movimento para acabar o uniforme da Escola de Enfermagem, sabe? As professoras e alunas não aceitavam o uniforme mais, de jeito nenhum." (Entrevista 7, 1996. p.81).

Seguir o ímpeto do momento e fazer coisas que não estavam previstas ilustram como a diferença era colocada em jogo na instituição. Em diversas situações, os integrantes da EECC tiveram a possibilidade de afrontar o estabelecido e viver um momento único de contestação, conforme os trechos citados, sem se preocupar com as conseqüências.

Pelos depoimentos, entendo que valia a situação do momento e a resposta imediata a ela, e esta podia gerar conflitos e tensões e revelava a pluralidade de valores existentes na relação entre os integrantes da EECC.

Os relatos mostram que muitas eram as situações em que isso acontecia e variadas eram as maneiras de enfrentá-las. Podia-se contestar a ordem de um professor, falar com ele do mesmo jeito que ele falava, exigir os mesmos direitos, ter um espírito revolucionário e fazer manifestos, participar de movimentos, mesmo que não se soubesse ao certo o que estava sendo reivindicado. O importante era, segundo uma das alunas, ser rebelde: "Eu sempre fui muito, graças a Deus, fui muito rebelde."



Tal rebeldia, que pode ser vista como um dom concedido por Deus, parecia permitir que as pessoas se colocassem de uma forma mais direta diante das outras, dava a “segurança” de poder viver na escola sem ter de acatar todas as decisões, e, de certo modo, fazer o que o instante permitia.

A contestação direta de ordens, o afrontamento, como ilustra um depoimento, podia, também, não ser apenas um dom de Deus, mas uma conquista de alguns integrantes da EECC “ou em função de ser mais arrogante, ou em função de ter uma família que respaldasse.” Essa condição fazia com que tais pessoas fossem mais respeitadas: era como “se a escola precisasse delas, e elas não precisassem da escola.” Assim, parecia existir uma relação de dependência que fazia com que a EECC diferenciase o tratamento dispensado a determinadas pessoas, não exigindo delas um comportamento semelhante ao das demais. Nesse caso, aparece o “Você sabe com quem está falando?” de que fala Da Matta<sup>125</sup>: o indivíduo, abstrato, igual aos outros, é substituído pela pessoa, única, que requer um tratamento diferenciado. Como afirma esse autor, o “Você sabe com quem está falando?” chama a atenção para o domínio básico da pessoa, em contraste com o domínio das relações impessoais, dadas por leis e regulamentos; além disso, complementa dizendo que “sempre haverá alguém no sistema pronto a recebê-lo (porque é inferior) e a usá-lo (porque é superior).”<sup>126</sup>

Os relatos falam de momentos de afrontamento tanto com uma carga de violência como de uma maneira mais amena, mas, nessas situações,

---

<sup>125</sup> Da Matta. *Carnavais, malandros e heróis*, 1983.

<sup>126</sup> Da Matta. *Carnavais, malandros e heróis*, 1983. p.151.

colocava-se, sempre, o limite a uma determinada imposição, como pode ser visto pelas seguintes falas: “O quê? Da próxima vez? Não vai ter próxima vez não, a senhora vai levar agora.” “Eu tenho os mesmos direitos que ele tem.” “É que ela não aceitava as coisas como as pessoas normalmente aceitam.” “Foi, foi sim, nós começamos um movimento para acabar o uniforme da Escola de Enfermagem.”

Pelos depoimentos, percebo que tais momentos foram vividos em toda a sua intensidade, marcando a luta constante entre o imposto e a multiplicidade de valores existentes. No caso dos uniformes, Nascimento, Santos & Caldeira descrevem a luta das alunas e das professoras na tentativa de mudá-lo. “As mudanças nos uniformes aconteceram à custa de muitas reivindicações por parte das alunas, que deveriam apresentar por escrito as sugestões.”<sup>127</sup>

Como afirma Rezende:

“O caráter conflitual das relações humanas estará sempre presente, podendo ser violento, como nas disputas étnicas; tolerante, quando o enfrentamento assim o exige, como nas diferenças de pontos de vista suportáveis; ou indiferente, como em alguns comportamentos coletivos, nas praias ou nos shoppings. Vale dizer que a vida cotidiana nos empurra *para* ou *contra* o outro, mas de qualquer forma sempre haverá o *outro*, que relativiza e é relativizado.”<sup>128</sup>

Por meio da existência do outro, diferente, estabelecemos uma relação de incompletude, e é necessária a troca. Trata-se de um dar e receber que se funda na disparidade, pois a troca, em nenhuma situação é perfeitamente

---

<sup>127</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999. p.165.

<sup>128</sup> Rezende. *Enfermagem Revista*, 1999. p.86.

recíproca, nem as relações são totalmente transparentes e igualitárias<sup>129</sup>; no entanto, a troca promove a reversibilidade e constitui um elemento essencial da vida coletiva. Segundo Maffesoli<sup>130</sup>, é por existir a diferença que se pode realizar a troca, por mais violenta e conflitiva que ela seja.

Dessa forma, a diferença põe em jogo o confronto dos poderes e sua conseqüente neutralização. Ainda segundo Maffesoli:

“... não se trata de superar as contradições, mas de mantê-las, de uma maneira dinâmica, no seu enfrentamento e na sua complementaridade. A característica da diferença é a integração dos antagonismos, é a atitude contraditória que se expressa no politeísmo de valores, cuja função essencial é neutralizar ou relativizar uns pelos outros.”<sup>131</sup>

Colocar em questão as contradições e o modo de enfrentá-las foi uma situação freqüentemente experimentada dentro da EECC. Os afrontamentos elucidavam os confrontos, geravam conflitos, mas, principalmente, abriam espaço para o reconhecimento do outro, diferente, e da complementaridade existente nas relações. O ser rebelde foi um modo de viver com as imposições e as diferenças, fazendo do cotidiano vivido na EECC um misto de incompletude, troca e intensidade nas relações ali estabelecidas.

## **Convivência**

Conviver com o outro, diferente, fazia com que os integrantes da EECC

---

<sup>129</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>130</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.

<sup>131</sup> Maffesoli. *Dinâmica da violência*, 1987. p.93.

reagissem de maneiras diversas, misturando discriminação, espionagem e prazer de estar-junto.

**Essa convivência é expressa nos seguintes relatos:**

"Nós isolávamos [referindo-se às pessoas que não consideravam legais]. A gente isolava. Tinha muita gente! Hoje, eu, a gente fica pensando, são pessoas muito boas, também... cada um vive a sua, não é?" (Entrevista 1, 1995. p.28).

"É. Se você for olhar no período das freiras, a primeira pessoa escura que entrou aqui, na Escola de Enfermagem, foi em 1956. Foi a AD. e a AE. Eram as duas escuras que entraram. Mas as duas, inclusive elas foram reprovadas, sabe? Elas entraram com recurso porque o pai [de uma delas] era juiz, e ele sabia do preparo dela. Entrou com recurso e conseguiu que elas entrassem na Escola de Enfermagem. Eram as primeiras pretas. Depois a segunda que entrou foi a AL. [Ela] sofreu como uma louca, sabe? (...) Ela sofreu nessa escola que só você vendo. Inclusive ela era marginalizada até pelas próprias colegas." (Entrevista 7, 1996. p.21).

"E uma coisa eu quero deixar bem claro, que, antes de eu sair da Escola de Enfermagem, chamei algumas das novas [professoras], porque as antigas eu já conhecia umas às outras. E falei: 'Cuidado com Fulana, cuidado com Fulana, cuidado com Fulana.' Depois eu fiquei muito satisfeita porque das poucas vezes que eu voltei aqui, me perguntaram porque eu falei 'cuidado com a Fulana, cuidado!' Então, vivência por vivência. É que a gente não deve ir só pras carinhas boas não! Nem blá, blá, blá, não. Isso é que eu gostaria de deixar pra todos. E eu tentei deixar pra muitas professoras novas." (Entrevista 1, 1995. p.55).

"Éramos vigiadas, eu me lembro que eu estava ajudando, eu já estava formada, tinha uma moça que veio muito recomendada aí por um padre aí, no interior, não me lembro o nome dela, e aí o médico - não vou falar o nome dele não, porque vocês estão gravando, e acho que não casou até hoje - começou a chegar de carro com essa menina à noite. E a dona RS. mandou vigiar essa menina, porque tinha uma extensão; e nós pegamos a extensão e ela estava marcando um encontro com ele no restaurante. O namorado de minha irmã foi lá e viu que, de fato, encontrou. E a dona RS. ficou com muito receio, porque era uma menina recomendada por um padre; sei que ela... por causa disso, ele punha ela no carro, né? Naquele tempo, depois de 1940, nós já estávamos formadas. Ele punha ela no carro dele e saía com ela, ia para o restaurante, por causa disso ela não terminou o curso. Ela foi embora." (Entrevista 18, 1997. p.12).

"A gente sabia [do que as encarregadas do estágio faziam para comprometer as alunas] porque essas coisas, também tem a vigilância, tem a contravigilância, a contra-espionagem funcionava também, então a gente sabia disso." (Entrevista 6, 1996. p.28).

"E eu me lembro direitinho que a ML. fazendo o discurso com um papelinho... É, fazendo um discurso com o papelinho escrito tudo, fala na gestação em vez de gestão. Então, aquilo foi um horror, tanto estudante de Medicina... e dando vexame. Havia uma preocupação muito grande em impressionar os estudantes de Medicina. Primeiro impressionar dentro de uma outra linha que nós sabemos muito, não é, que a gente tem um curso tão bom quanto o de vocês, não é? Talvez de uma forma menos explícita, jogavam o jogo da sedução." (Entrevista 6, 1996. p.48).

"Uma vez, eu chorei, porque estava no início, estava chegando, né? Fui fazer uma compra de dia, saí para fazer uma compra e cheguei depois, porque era só o bonde que tinha passando na rua, cheguei acho que meia hora depois. Aí, a dona Pl. falou: 'Pois é, você chegou tarde, agora você fica sem almoço.' Aí, eu chorei e falei: 'Mas eu tenho tanta fome, vou ficar sem almoço?' Mas as colegas, sempre muito boas, já tinham guardado alguma coisa escondida, aí eu almocei, sabe?" (Entrevista 14, 1996. p.20).

"Ela era interna [uma aluna], estudou interna. OH. ia, então, sempre na fazenda, ia sempre muito doce, muita guloseima da fazenda, e ela tinha aquela coisa de repartir para todo o mundo. Então, nossa turma era assim, sabe? Quando uma ganhava uma coisa, quando você chegava assim, na "Praça Onze" [quarto], tinha um docinho em cada cama, no travesseiro de cada uma tinha um papelinho enrolado, você já sabia, algum doce ou alguma coisa para comer. Então, a gente comia." (Entrevista 14, 1996. p.36).

"Os cômodos eram grandes e com muitas camas, eu ficava no internato, tinham onze camas no salão em que estava. Mas era muito divertido, porque apagava a luz às dez horas, né? Mas precisava de estudar, esperava dormir, tornava a acender e ia estudar. E era muito bom porque a gente estudava assim, com todas, né? Junto, ou uma não sabia uma coisa, uma não entendeu o professor falar aquilo, a outra ensinava, era bom demais." (Entrevista 20, 1997. p.9).

"... aí, então, a gente entrava na cozinha pra pegar o lanche, ah, tinha um lanche à noite também, sabe, uma guardava pra outra, sabe, tinha umas coisas assim." (Entrevista 16, 1996. p.10).

"... sempre que se tem uma lei muito rígida, que eu acho que passa até a não ser lei, nem sei como é que chamam isso, porque lei é uma coisa, é flexível, assim eu acho que se chama de lei, né, muito rígida, a coisa começa a sair pelas tangentes, e eu lembro dos funcionários

muito gentis, tentando proteger a gente, não é?" (Entrevista 16, 1996. p.11).

"Me lembro bem que AR. uma vez fez uma medicação errada. E isso foi trazido à tarde, porque tinha estágio de manhã e aula de tarde, foi trazido à tarde, e a GR. era da minha turma e da turma da AR. conseqüentemente, e foi tão esculhambada a AR., ela foi tão acabada por ter dado um cloreto, sei lá com não sei o quê lá, e a GR. fez a besteira de insinuar, com muita leveza, uma defesa. Ah, mas acabaram com a GR. do mesmo jeito, como se ela fosse cúmplice do ato da AR." (Entrevista 6, 1996. p.28).

"Agora, o interessante que eu achava no internato é que as mais velhas [alunas], elas sentiam como se fossem as responsáveis pelas mais novas que chegassem. Havia, assim, um perfeito entrosamento. Então, aquelas que eram mais velhas, então elas tinham aquela preocupação de integrar dentro do internato. Então, davam todas as informações, não é?" (Entrevista 7, 1996. p.23).

"... quando ela [uma professora] dava História da Enfermagem, ela dava assim, a História da Enfermagem de uma forma muito emotiva, sabe? Tanto que ela chorava todas as vezes que ela entrava na sala de aula para falar sobre a História da Enfermagem, ela chorava. (...) Então, era assim. Ela se aproximava muito dos alunos, sabe? Ela levava os alunos para a casa dela, às vezes. É, ela dava dinheiro para os alunos que tinham dificuldades. Então, ela era uma verdadeira mãe para os alunos, sabe?" (Entrevista 7, 1996. p.38).

"Aí eu passaria a ser diretora da Escola de Enfermagem. Certo, e aí houve uma eleição anterior, eu fiz uma eleição e eu fiquei, inclusive, com mais votos do que a dona IA. Aí eu pensei lá, na hora, até hoje a NL. não me perdoou isso, ela mesma fala isso, a hora que você for entrevistá-la, ela não perdoa isso por nada, a NL., sabe? NL. a secretária, né? Aí eu falei com o professor que eu não aceito ser diretora da Escola de Enfermagem, eu indico a dona IA., sabe? Ele falou assim: 'Ah, mas a portaria está aqui, aqui, ó, a portaria, aqui o livro, como é que eu vou anular?' Eu disse: 'Anula, né? A dona IA., assim, como diretora.' Ela era a segunda, sabe? Aí ele falou é, e ela acompanhando, né? Inclusive ela tinha tido assim uma crise de choro antes, porque ela queria ser diretora da Escola de Enfermagem. E eu analisando, eu falei assim, eu digo ela nunca vai ter, porque o pessoal da Escola não votaria nela pra ser diretora, apesar dela ser uma pessoa muito boa, sabe? Ela não teria voto expressivo assim." (Entrevista 7, 1996. p.88).

**A convivência também é evidenciada em documento da época:**

“Depois de 2 meses de pratica na sala de demonstração, entramos em contato com os doentes de carne e osso, no dia 19 de Junho. Tivemos Missa pela manhã, depois foi-nos offerecida lauta meza de doces, servidos muito gentilmente pelas alumnas mais adeantadas.” (Moreira, 1936. p.75).

Os depoimentos e o trecho da publicação mostram que olhar o outro, diferente, e dividir com ele o espaço de estudo, o de trabalho e, freqüentemente, o da moradia põe em jogo a intrincada trama de relações existentes na escola. A proximidade fazia com que as diferenças ficassem evidenciadas, suscitando modos diversificados de convívio, tanto pacíficos, como conflitivos, mas alicerçados em um solo rico.

Os trechos citados evidenciam como a convivência na EECC era marcada pela discriminação, pela vigilância e pela necessidade de troca. Nessas ocasiões, era colocada em questão a habilidade em lidar com situações e pessoas dissemelhantes, o que evidenciava a astúcia presente na relação com o outro.

Em um dos depoimentos, pode-se perceber que, quando a convivência tornava-se “insuportável”, ou pelo fato de a pessoa “não ser legal” ou por uma questão racial<sup>132</sup>, o “melhor” a fazer era isolá-la. O distanciamento parece fazer com que a imagem daquele que incomoda, mas não pode ser excluído, seja deixada de lado por algum tempo. Percebo aí astúcia na relação com o

---

<sup>132</sup> É importante ressaltar que o relato sobre a questão racial dentro da escola traz alguns pontos contraditórios. É sabido, por meio de fotos e da pesquisa relacionada à história da Escola de Enfermagem que, na primeira turma de alunas, em 1933, havia uma aluna negra. Esta, inclusive, prestou depoimento para a constituição do AOEC-NUPEQS, constando sua entrevista da descrição do cotidiano vivido na EECC e a relação com os demais integrantes; não foi colocada nenhuma questão relacionada à discriminação ou ao preconceito. Cf. Entrevista 21, 1998.

diferente que permitia fossem contornadas determinadas situações incômodas. Esse contorno, no caso, constituía no isolamento.

Os relatos dão mostras, também, de que podia-se lidar com a diferença procurando avisar outras pessoas sobre ela. A fala de uma integrante da escola salienta que o fato de estar mais tempo convivendo no mesmo meio com o outro, diferente, dava a possibilidade de conhecê-lo melhor, e, portanto, podia-se falar com “precisão” a seu respeito. “Então, vivência por vivência. É que a gente não deve ir só pras carinhas boas não! Nem blá, blá, blá, não.” A convivência diária permitia que se enxergasse além da carinha boa e das conversas; ela suscitava diferenças na relação, fazendo com que uma pessoa passasse a avisar as demais, principalmente as novatas, sobre o modo de agir e pensar do outro. Nesse caso, percebo que a astúcia era usada para “imposição” de um pensamento, e, por isto, podia-se dizer “cuidado com Fulana.” Como afirma Maffesoli<sup>133</sup>, feita de atitudes e situações quotidianas, a astúcia permite a resistência. Com essa, cada indivíduo pode preservar-se, guardar um tanto para si.

Aceitar a diferença, que sempre transcende a maneira como cada um pensa, não é tarefa fácil; demonstra quanto uma relação é incompleta, e, por mais que se insista em eliminá-la, ela permanece na vida de cada pessoa.

Por isto, como pode ser encontrado nos relatos, em alguns momentos, era necessário vigiar os passos das integrantes da escola, espionar atitudes que se diferenciavam das demais e se contrapunham à moral vigente no local. Tinha-se um outro que fazia coisas diferentes, como marcar encontro com um

---

<sup>133</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984.



médico e sair com ele de carro, requerendo a atenção e a vigilância de outras pessoas. Nesse sentido, os depoimentos evidenciam o fascínio e o prazer que a diferença proporciona, pois era preciso, até mesmo, vigiar a pessoa que agisse desse modo e saber o que ela estava fazendo: fascínio promovido pela incompletude que a diferença gera e pela necessidade de troca.

Os relatos mostram que impressionar também se fazia necessário. Conforme a fala de uma aluna, “havia uma preocupação muito grande em impressionar os estudantes de Medicina”, não podendo dar vexame. Quando eram colocados “frente a frente” os diferentes, como as alunas de Enfermagem e os alunos de Medicina, cada qual queria exercer o seu papel da “melhor” maneira possível, procurando impressionar, seja pela confrontação do saber, seja pelo “jogo da sedução” que podia surgir. Aí, também, o fascínio da diferença e a necessidade de complementaridade.

Segundo Maffesoli, “igualitarismo significa achatamento, redução ao mínimo denominador comum; o outro idêntico não pode mais ser objeto de desejo (ou de ódio), enquanto a paixão vige numa estruturação contrastada e diferencial.”<sup>134</sup> Como exercício diário na EECC, a convivência com o diferente gerava um jogo de antagonismos e conflitos que emergia do solo da paixão. Como fala Rezende:

“... é preciso aprender a conviver com a diferença do outro. É ela que promove a reversibilidade, em virtude de sua incompletude. Não se gira numa solidão comum, porque nada é pleno e se busca a complementariedade, sempre fugidia.”<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.32.

<sup>135</sup> Rezende. *Enfermagem Revista*, 1999. p.86.

Sem que a diferença fosse usada para discriminar ou vigiar, os relatos falam, também, da convivência entre os integrantes da EECC como o prazer de estar-junto e a troca explícita que se realizava nas relações. Cada qual buscava a complementaridade no outro, numa relação de solidariedade, cumplicidade, preocupação: “É, era muito bom porque a gente estudava assim, com todas, né?” “Mas as colegas, sempre muito boas, já tinham guardado alguma coisa escondida, aí eu almocei, sabe?” “Então, aquelas que eram mais velhas, então elas tinham aquela preocupação de integrar dentro do internato. Então, davam todas as informações, não é?” “Ela se aproximava muito dos alunos, sabe? Ela levava os alunos para a casa dela, às vezes. É, ela dava dinheiro para os alunos que tinham dificuldades.”

É possível entender, por essas falas, que a convivência dentro da EECC era um constante dar e receber, e a diferença servia para aproximar as pessoas. Sendo assim, ela remete ao prazer de estar-junto, elucidando o rico e trágico dia-a-dia da Escola de Enfermagem.

Os depoimentos e o documento da época referem-se à troca e à interação possibilitadas pela existência do outro, diferente. A escola era o lugar da vivência coletiva, onde se misturavam astúcia, fascínio, prazer e cumplicidade. Num misto de relações contraditórias, conflituosas e pacíficas, a diferença se mantém, numa harmonia conflitual, segundo Maffesoli<sup>136</sup>, em que as coisas, ainda que de maneira contraditória, se mantêm juntas. Segundo ele, os indivíduos se agregam em conjuntos,

“... onde os jogos do amor e do ódio, numa misteriosa alquimia, conduzem ao que podemos chamar de

---

<sup>136</sup> Maffesoli. *O conhecimento comum*, 1988.

harmonia, e que, no entanto, não é o objetivo ideal de uma orientação utópica, mas o que, sob formas violentamente contrastadas ou de maneira mais calma, é vivido no dia-a-dia.”<sup>137</sup>

A diferença, ao mesmo tempo em que opõe uma série de valores, agrega-os num conjunto rico, dinâmico e intenso, que evidencia a importância de cada instante vivido. Esse trágico vivido na EECC se fez presente na convivência com o diferente, dela retirando tudo de melhor e de pior e dando ênfase à intensidade das relações.

Assim, o afrontamento, a composição de uma hierarquia e a convivência foram as situações que me permitiram compreender a diferença na EECC, como uma forma de manifestação do sentimento trágico da vida. Esta mostrou suas inúmeras facetas no cotidiano da escola e a multiplicidade de valores e situações que ela envolve, enriquecendo a trama de relações existentes no âmbito da instituição.

## ***O envoltivo lúdico***

Como uma manifestação do sentimento trágico da vida, o lúdico se fez presente na EECC tanto em festas quanto em situações corriqueiras ali vividas; a descontração, a alegria, o jogo, a brincadeira, davam nova vida ao dia-a-dia, ressaltando a importância do efêmero e do intenso.

---

<sup>137</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.161.

Dividi o aspecto lúdico em duas modalidades: em **“Era assim a nossa vida na escola”**, ele se revela nas festividades realizadas na EECC; em **“Um ambiente bastante agradável”**, mostra-se no dia-a-dia daquelas pessoas.

### **“Era assim a nossa vida na escola”**

Nas festas, o lúdico aparecia com intensidade; solenidades e comemorações, bem como ocasiões informais, traziam descontração, alegria, prazer de estar-junto. Os trechos seguintes falam das festas na EECC:

“Ah! Tinha muitas festas, né? Festa não, assim, muita brincadeira, as enfermeiras eram muito alegres.” (Entrevista 8, 1996. p.9).

“Ah, a festa lá, homenageavam a gente, davam os parabéns, faziam discurso. Tinha piano lá. Tocavam, as moças tocavam, dançavam, sabe? Essas coisas assim. É, sempre havia brincadeiras lá.” (Entrevista 8, 1996. p.11).

“Por exemplo, uma festividade a gente ia, essas festinhas nossas eram lá na Escola de Enfermagem. Festinhas de São João! Ótimas festinhas! Muito bem organizadas. Tinham os namorados das... É, das moças, tinha muita gente bonita, também tinha muito bagulho, né? Tinha de tudo!” (Entrevista 1, 1995. p.23).

“Teve uma época que teve até festa junina lá, mas assim, umas festinhas boas mesmo (...). E era muito boa a festa, viu gente, as alunas convidavam outras pessoas e as pessoas participavam mesmo.” (Entrevista 11, 1996. p.26).

“Tinha missa festiva, festas de aniversário, etc... Sempre tinha algum teatrinho, qualquer coisa que as meninas faziam. E era muito bom. A gente passava o dia inteiro lá, né? Tinha piano, sabia tocar, eu era uma.(...) De vez em quando dava umas dancinhas lá.” (Entrevista 2, 1995. p.6).

“Então, à noite, depois do jantar, o jantar geralmente era às seis horas, acabava o jantar uma das alunas, mais adiantada, tocava piano e nós todos dançávamos ali, até a hora de deitar. Era assim a nossa vida na escola. Como a escola tinha um terreno muito grande, com muita fruta, tinha piscina, tinha tudo, então, a gente sumia.” (Entrevista 14, 1996. p.13).

"Olha, nessa primeira fase, eu entrei lá em janeiro. Quando chegou em dezembro, sempre procurei logo todo aniversário daquele pessoal administrativo eu comemorava, sabe? Nós reuníamos, fazíamos aquela festinha ali no café. Quando foi dezembro, eu falei para ela, vamos fazer uma festa de Natal e vamos fazer um amigo oculto." (Entrevista 10, 1996. p.8).

"Tinha uma festa de São João muito boa, convidava os médicos, né? Lá na rua Estevão Pinto. Lá, todo ano tinha essa festa (...). É como essas festas antigas, né? Canjica, batata-doce, aquelas coisas, do lado de fora... É, tinha quadrilha; os médicos iam, dançavam lá com as enfermeiras." (Entrevista 18, 1997. p.21).

"Saía, ia, dormia na casa das amigas, é, ia para os bailes e sempre em turma, era uma coisa assim muito, muito participante, aquela coisa de internato mesmo, uma arrumava namorado, todas estavam namorando com aquele Fulano, coisa bem de identificação projetiva, todo o mundo namorava com ele, sabe? Então, foi assim." (Entrevista 16, 1996. p.10).

"Com a formatura. Nós fizemos a festa junto com os colegas médicos, foi lá no Minas Tênis, eu até cantei, ai que vergonha, eu morro de vergonha (...). Eu lembro que Dl., colega nossa, mas quando ela viu, a Dl., ai meu Deus, a Dl. começou a rezar quando me viu levantando..." (Entrevista 16, 1996. p.26).

"Enquanto docente, tanto a NR. quanto a AA., a AA. também toca piano, sabe? E, e muitas vezes, a gente fazia festa e vinha alguém tocar piano, alguém que sabia tocar o Hino Nacional, né? Então tocava no piano, sabe?" (Entrevista 7, 1996. p.94).

### **As festas são anunciadas e relatadas também na revista da escola:**

"Chegou afinal o dia 22 de Setembro - aniversario de D. Lais. Ao amanhecer todo o pessoal do Internato em toilettes matinaes, foi surprehendel-a com alegre alvorada. Houve Missa na capellinha, reunião do Gremio e numero extraordinário do '5 pr'as 10' em honra da illustre anniversariante, que, toda sorrisos, recebeu abraços em penca. Surpresas, então!!..." (Cardoso, 1936. p.57).

"Dezembro! Começaram as ferias. O primeiro Natal foi cheio de alegria. Tivemos uma bellissima surpresa. A arvore de Natal preparada com todo carinho por D. Lais - presentes a granel. Cada qual um mimo mais delicado!" (Cardoso, 1936. p.58).

"12 de Abril. A Segunda Paschoa no Internato. Quanta surpresa, meu Deus! Dentro de um gigantesco ovo que fora armado na sala de visitas encontramos bycicleta, radio, ping-pong, vestidos, livros, um sem

numero de cousas interessantes. Quanto contentamento depois de uma semana de serias meditações!" (Cardoso, 1936. p.58).

"Realizou-se uma festa em beneficio do mesmo [Congresso Eucarístico], no parque do Internato, sendo levada á cena a comedia: 'A enfermeira e sua vida' composta e representada por diversos elementos da escola.

Os intervalos foram abrilhantados pela banda do 10º batalhão e alguns numeros de piano e declamação.

Em barraquinhas rusticas foram servidos doces frios e refrescos pelas alunas da Escola." (Ecos ..., 1936. p.32).

Dançar, cantar, tocar piano, brincar. Como ilustram os trechos apresentados, nas festas da EECC, havia descontração e a magia do instante único e prazeroso de estar-junto do outro, participando ativamente dessas ocasiões.

Segundo relatos e trechos de publicação da época, nas festividades, as pessoas ficavam mais unidas e descontraídas, podendo fazer coisas que não eram permitidas em outros momentos. A liberdade concedida nessas ocasiões permitia que os integrantes da EECC se soltassem, se divertissem e se identificassem com as outras pessoas presentes. Assim, não havia problema algum em dançar com os médicos, cantar na formatura, viver o presente trágico que se apresentava.

Portanto, percebo que as festas traziam surpresas e proporcionavam um ambiente de leveza e ludicidade, saindo da rotina. Havia a possibilidade de namorar e de flertar, sem a vigilância constante. Podia-se, também, fazer teatro, comer coisas diferentes, fazer discurso, receber convidados ilustres, ganhar presentes, enfim, divertir-se, sair do rigor imposto pela EECC.

Ademais, havia um misto de cumplicidade e entusiasmo na preparação e realização das festividades, como mostram os versos a seguir:

"... Começamos pretendendo  
A D. Lais acordar  
Cantando uma bela alvorada  
Seguida do sino a tocar.  
Mas ... que cousa aborrecida  
Foi mesmo grande maçada!  
Muito cedo, já ela estava,  
Antes de nós acordada.  
Desde as 5 D. Elda  
Com o relógio á cabeceira,  
Ouvia uma de nós  
Perguntar desta maneira:  
Já é tempo? Vamos indo!  
Já ouço passos lá fora.  
- Meninas fiquem dormindo  
Eu direi quando for a hora  
Clitemnestra muito tempo  
Levou nos quartos a bater.  
E dizia para Flora:  
- Não deixe ninguém descer.  
Depois de todas em fila,  
Prontinhas no corredor,  
Avisa-nos Primavera:  
- Ela acordou. (Que horror!)  
Descemos todas depressa,  
Com um canto entusiasmado  
E ... nisso D. Jojoca:  
- Vocês cantam na porta errada. (...)  
A noite, sessão do Gremio.  
Divertida! Entusiasmada!  
Dr. Mendes também veio  
A festa foi animada.  
Cantamos e recitamos,  
Numa alegria sã  
Veio o Padre Negromonte  
Veio o Dr. Nunan. (...)  
A Flora esteve animada  
Cantou e também dançou.  
Todo mundo estava alegre!  
A festa tarde acabou. ..." (Paixão, 1935b).

Envolvendo grande expectativa e ansiedade, os preparativos das festas faziam com que a escola se movimentasse. Eles requeriam cuidado e empenho, que eram recompensados.

Havia, também, as solenidades e as comemorações religiosas, que deveriam ser muito bem organizadas, e, para que tudo desse certo, os integrantes da EECC não poupavam esforços em passar a noite concluindo os preparativos. Os relatos seguintes falam da preparação das festas na escola:

"19 de Março de 1935. Amanhecera lindo. Todo pessoal ia e vinha preparando recepção para as primeiras hospedes e a festa da Intronização Sagrado Coração de Jesus, no Internato, onde tudo seria d'Elle, por Elle e para Elle." (Cardoso, 1936. p.52).

"Desde o dia primeiro de Abril começaram a chegar novas chefes e novas alumnas. O Internato estava cheio e a mobília quasi completa: a alegria e o bom humor reinavam por toda parte. No dia 22, na reunião, á noite, foi lido o primeiro numero do '5 pr'as 10, dactylografado. A vida do Internato correu calma até as vespersas do dia 19 de Junho, dias em que toda a 'casa amarella da Serra' se movimentou com os preparativos para a festa da inauguração da Capella e da recepção de insignias da 3.<sup>a</sup> turma de alumnas." (Cardoso, 1936. p.57).

"Quasi ninguem dormiu na noite de 18 para 19. Quanta cousa para ageitar na ultima hora:... Uma cortina aqui, uma flor alli, uma costura ligeira numa peça que não ficou a gosto, uma lufa-lufa infinda para que de manhã nada faltasse na recepção do grande Hospede! Na manhã do dia 19 foi inaugurada a capella." (Cardoso, 1936. p.57).

"Agosto. Mez das provas. Quanto aperto no Internato! Porém, tudo marcha de vento em popa. A veia artistica e litteraria das habitantes da querida casa amarella augmenta dia a dia o seu calibre. Já escreveram até uma comedia - aliás bem interessante, sobre a vida da enfermeira.

Na segunda quinzena deste mez todas estivemos num vae vem sem fim na organização de uma festa que D. Lais resolveu dar aos belo horizontinos em beneficio do Congresso Eucharistico. A festa constou da comedia acima referida, representada pelas proprias alumnas, e de um lunch, tudo realizado no parque do Internato, onde foram confeccionadas algumas mesas toscas sob barracas. Apesar do dia sem sol tudo sahiu a contento de D. Lais e dos espectadores.

O movimento foi intenso. Gente por todo canto da chacara. Foi organizado o campo de esportes, aparelhos de gymnastica, e



inaugurada a placa com a inscrição 'ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS', e o emblema da enfermeira - a cruz de Malta." (Cardoso, 1936. p.65).

Tudo devia ser bem planejado para que os visitantes tivessem uma boa impressão da Escola de Enfermagem e de seus integrantes. Como mostram esses trechos, receber uma visita ilustre modificava a vida do internato, e cada um queria fazer o melhor possível para agradar aos convidados. Além disso, a presença desses tornava possível fazer coisas diferentes, passear e mostrar algumas de suas qualidades. Evidenciam o contentamento de todos nessas ocasiões os versos e o relato seguinte:

"... o Internato movimentou-se  
'riso' de grande satisfação  
Pois a presença do Hamilton trouxe  
Pr'a duas festas permissão. (...)  
Waleska também foi na onda  
E toiles resolveu comprar  
Mostrando a todas da banda  
Que será elegante quando precisar. (...)  
Deve ser sorte de 'Ferreina'  
Poder nesta casa entrar  
Pois pela vez primeira  
Recebeu-se um rapaz pr'a jantar." (Véras, 1935).

"O Internato recebeu a visita de duas representantes dessa excelente instituição.  
Jantaram conosco; e como a noite estivesse muito escura para mostrar-lhes o parque, lembrou uma aluna proporcionar-lhes uma 'marche aux flambeaux', Acolhida a proposta por unanimidade, saiu o grupo, á luz dos fogos de bengala verdes e vermelhos, que sobraram da festa em beneficio do Congresso."  
(Ecos ..., 1936. p.32).

"Disse-nos D. Lais:  
- Amanhã temos visitas!  
- Quero as minhas fillinhas  
Bem correctas e bonitas.  
- 'Visitas' de cerimonia?  
(Perguntamos curiosas)  
Então vamos ter doces,

E outras cousas gostosas.  
- Nãoensem que é cousa pouca  
Só vem gente de valor  
Dr. Mario, o Diretor,  
Com um poeta e um Monsenhor.  
- Poeta? exclama a Hilda assustada.  
- Vamos versos inventar!  
E começamos todas nós  
As musas invocar.  
O jantar foi animado  
Dr. Mario fez charadas,  
Dr. Oto contou casos,  
Demos boas gargalhadas.  
As alunas recitaram  
Clitemnestra declamou  
Algumas também cantaram  
Walda piano tocou. (...)  
Acabamos com um baile  
Que foi bem original  
Dr. Mendes só dançava  
Ao som do 'foi seu Cabral'.  
Ceus! Que cousa engraçada!  
Foi mesmo de se espantar.  
Uma cousa nunca vista  
Um Monsenhor a dansar! ..." (Paixão, 1935a).

As festas estimulavam a criatividade na EECC. A diretora queria suas "filhinhas bem correctas e bonitas", e estas procuravam agradar às visitas usando um vestido novo, redigindo versos, declamando, cantando, improvisando um passeio ao parque do internato à luz de fogos de artifício.

Nos depoimentos e documentos da época, fica evidente que comemorações religiosas, solenidades, aniversários, viagens ou, simplesmente, comemorações informais no fim do dia eram celebrados com grande entusiasmo, promovendo a união e suscitando brincadeiras:

"A's 4 e meia da tarde imediata teve lugar a intronização do Sagrado Coração de Jesus feita pelo Revmo. Padre Walter Perriens, que dirigiu aos presentes, Diretora, professores, funcionarios e alunas, uma

alocução explicativa da solenidade. Após a qual foi servido um lunch, onde D. Georgina revelou seus dotes culinários (além de outros...).” (Historia ..., 1937? p.34).

“A alegria, o bom humor e a cordialidade reinantes nos serões onde a turma reunida fraternalmente, exhibe suas habilidades no tricot, na loquacidade, no canto e outras cousas elegantes, fazem do nosso Internato uma coisa bem nossa.” (Historia ..., 1937? p.33).

Por essas falas, percebo que pequenas situações no dia-a-dia do internato o tornavam “uma coisa bem nossa”, ou seja, bem próxima, bem agradável. Os relatos indicam que a convivência diária facilitava o relacionamento dos integrantes da EECC, que, desta forma, tinham a liberdade de brincar com os companheiros. A proximidade permitia que “gozassem” as outras pessoas que ali viviam, como no relato em que são “sugeridos” os dotes de uma integrante da escola, além dos culinários. Podia-se, até mesmo, reclamar, como durante as festas no Grêmio, retratadas a seguir, em prosa e em verso. Mas o importante é que, nas ocasiões festivas, reinavam “a alegria, o bom humor e a cordialidade”:

“... Lê a ata a Secretaria, D. Carmen vae cantar  
'Quando no prado nasce a flôr primeira'.  
'Não queremos 'A andorinha'  
Pra variar D. Elda, canta 'A paineira'. (...)

D. Regina, Maria Julia  
Queremos ouvir violão.  
Maria José vae cantar.  
- D. Lais, hoje não!

Já lemos nosso jornal  
Vamos sorvete tomar  
Yolanda toque piano  
Estamos querendo dansar. ...” (Paixão, 1936a).

“Há muito não se realizava com tanto entusiasmo a sessão do Gremio 9 e 55, como a do dia 24 de abril p.p. Era ela dedicada ao Exmº Sr. Dr. Mario da Silva Campos, D.D. Director da Saude Publica, pela recente passagem de seu anniversario, e ao Dr. Mario Mendes Campos, pela sua nomeação para a cadeira de Patologia geral na faculdade de

Medicina. O Dr. Mario Mendes Campos é também lente da mesma cadeira na Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

Constava a primeira parte: de um numero de ginastica, no campo de esportes do Internato, infelizmente impedido por uma chuva repentina, e de uma demonstração de canto orfeonico, que alcançou pleno exito. Seguiu-se o jantar, ao qual compareceram, alem dos homenageados e Exmas. Sras., o Dr. Octavio Magalhães, (Professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina e da E. E. C. C. ) e Exma. Sra. Á Sessão do Gremio assistiu também D. Maria Luiza de Almeida Cunha, Inspectora tecnica. Abridhantou a reuião a Exma. Sra. Mario da Silva Campos, com diversos numeros de canto, delicadissimos e muito bem interpretados." (Sociaes, 1937? p.35).

"D. Lais depois de ver todas installadas e contentes, viajou para o Rio de onde voltou no dia 2 de Abril. Para homenageal-a houve reunião á noite, com leitura do historico do Internato." (Cardoso, 1936. p.52).

"... No gremio podem cantar  
E rir e bater com os pés  
Contando que tudo acabe  
Faltando cinco p'ras dez. ..." (Programma ..., 1936:2).

Criado como uma forma de organização estudantil, o Grêmio, conforme os trechos citados, foi o símbolo das festividades e da descontração na EECC; suas sessões eram verdadeiros saraus<sup>138</sup>: a leveza e a espontaneidade prevaleciam, podendo-se "rir e bater com os pés", contanto que esses instantes tivessem hora certa para acabar.

Percebo que as festividades limitavam-se no tempo e no espaço, tinham um horário e um local determinado para acontecerem, mas ocorriam plenas de alegria, descontração, criatividade e, até mesmo, de tensão, nos momentos que as antecediavam. Wunenburger<sup>139</sup> fala que as festas envolvem uma participação ativa de seus integrantes e comunhão. Durante elas, as pessoas podem manifestar suas emoções.

---

<sup>138</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>139</sup> Wunenburger. *La fête, le jeu et le sacré*, 1977.

Nas festividades “oficiais”, ou seja, nas solenidades e comemorações promovidas pela EECC, eram divulgados a enfermagem e o trabalho da enfermeira.<sup>140</sup> Mesmo tais ocasiões, ligadas ao institucional, davam margem à alegria e à descontração, funcionando como um canal de escape, como pausas às árduas regras reinantes na EECC. Assim, as festas não deixavam de ser uma festa.<sup>141</sup> Como afirma Bousquet<sup>142</sup>, independentemente da atividade ou ocasião, o que vale é a atitude lúdica das pessoas, o que possibilita viver com liberdade as situações que se apresentam.

Segundo Huizinga, a festa tem estreitas relações com o jogo, daí seus traços lúdicos:

“Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade.”<sup>143</sup>

Seja em comemorações formais, como as religiosas e as solenidades, seja em comemorações informais, como algumas festas do Grêmio, entendo, pelos relatos e publicações citadas, que aspectos do lúdico apareciam e transformavam o vivido da EECC. Lúdico que, segundo Maffesoli, “nada tem a ver com finalidade, utilidade, ‘praticidade’, ou com o que se costuma chamar ‘realidade’. É, ao invés, aquilo que estiliza a existência, que faz ressaltar as características essenciais desta.”<sup>144</sup> O lúdico dá vida ao cotidiano e remete ao

---

<sup>140</sup> Nascimento et al. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*, 1999.

<sup>141</sup> Del Priore. *Festas e utopias no Brasil Colonial*, 1994.

<sup>142</sup> Bousquet. *Théorie et pratique ludiques*, 1984.

<sup>143</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999. p.25.

<sup>144</sup> Maffesoli. *O tempo das tribos*, 1998. p. 115.

estar-junto, à união, à comunhão, como se houvesse um vínculo unindo os protagonistas das festividades, uma força agregadora, que leva a buscar o outro.<sup>145</sup>

Tal vínculo, no meu entendimento, a partir dos depoimentos e documentos da época, fazia com que os membros da escola se unissem e participassem intensamente das festas, evidenciando a organicidade existente na EECC, ou seja, as relações que “referem-se a um processo do tipo uns com os outros, em que há comunhão, união, prazer de estar junto e não apenas uns ao lado dos outros, para cumprirem objetivos determinados exteriormente.”<sup>146</sup> Pelos relatos e publicações citadas, fica evidenciado o desejo de partilhar, viver no coletivo e usufruir do presente rico e trágico.

As festas na EECC eram momentos permeados por liberdade, tensão, envolvimento e alegria. Nesse sentido, Maffesoli fala que o ludismo “é feito de excitação, de intensidade e de banal repetição”<sup>147</sup>, o que remete à tragicidade da existência e a um irremediável querer viver, tornando as festas instantes de magia e vitalidade.

Assim, participar das festividades relaciona-se ao que Huizinga fala da “consciência, mesmo que seja latente, de estar ‘apenas fazendo de conta’.”<sup>148</sup> Os depoimentos e documentos da época ilustram que, nas festas, podia-se viver um faz-de-conta, retirando dele o que havia de melhor. Podia-se cantar, dançar, rir, bater os pés... Os integrantes da escola, cada qual à sua maneira,

---

<sup>145</sup> Maffesoli. *A contemplação do mundo*, 1995.

<sup>146</sup> Nascimento. *O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares*, 1993. p.79.

<sup>147</sup> Maffesoli. *Cahiers de l'imaginaire*, 1992. p.22. (Tradução da autora).

<sup>148</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999. p.26.

queriam aproveitar o que esses instantes proporcionavam, antes que tocassem as badaladas do relógio e a carruagem virasse de novo uma abóbora.<sup>149</sup>

### **“Um ambiente bastante agradável”**

Além das festas, o lúdico manifestava-se no dia-a-dia dos integrantes da escola: surgiam brincadeiras e diversões que promoviam a descontração e a alegria, fazendo da EECC um lugar agradável.

Os relatos seguintes mostram a ocorrência do lúdico no dia-a-dia dos membros da escola:

“Uma vez eu cheguei atrasada e eu entrei [na EECC], né? Porque você chegou atrasado não entra não, eu já estava atrasada e fui embora pra casa, fui, passei no parque e gangorrei de uniforme. Fiquei suspensa três dias.” (Entrevista 20, 1997. p.10).

“... mas tinha a procissão de Corpus Christi que você, a escola estava fechada, é, você não tinha como trocar o uniforme, então, você vinha de casa com aquele uniforme pra procissão de Corpus Christi, você vinha com o vestido de fustão e esse avental, você fazia um cartucho porque não dava para dobrar, então você enrolava assim, fazia um cartucho e vinha com isso no ônibus, não é? Aí era ótimo porque os estudantes de Medicina que estavam sempre de plantão e tudo falavam: ‘Olha os picolés de coco’, porque nós parecíamos picolé de coco.” (Entrevista 6, 1996. p.36).

“... a gente almoçava no bandeirão... lá a gente encontrava os acadêmicos da Medicina e a gente encontrava já com uma roupinha de assistir aula, porque a gente saía do estágio, trocava de roupa e já estava mais decente, não é? Então tinha as paquerinhas, tinha sem dúvida, e eu sempre tão preocupada com as paqueras das meninas, porque não podia paquerar, não podia namorar. E eu lembro que a IZ. tinha uns lances de sedução, gente, que coisa horrósa! IZ., acho que não era muito de ação não, mas o que ela jogava de charme! Então tinha um cara que nós apelidamos de abacate porque ele ficou tão encabulado com a sedução da IZ. que derrubou a tigelinha de abacate da sobremesa, então ficou abacate. Então ela sempre jogava muita sedução nessas horas de almoço...” (Entrevista 6, 1996. p.37).

---

<sup>149</sup> Perrault. *A gata borralheira*, 1972.

“Faziam trote [referindo-se às alunas mais velhas]. Também tinha trote, sabe? Às vezes, colocavam boneco na cama da gente. O trote era nesse nível, não é? Pintavam a cama da gente. Desfaziam a cama. A gente chegava, a cama estava desfeita. A gente tinha de chegar e fazer. Havia, assim, um ambiente bastante agradável, sabe? Não tinha assim, não tinha briga, não tinha essas coisas não. Era assim, muito interessante.” (Entrevista 7, 1996. p.23).

O trecho seguinte mostra o lúdico relatado em um documento da época:

“Domingo 12 foi realizada uma extraordinaria partida de ‘Volley-Ball’ entre a E.E.C.C. e o Collegio Santa Maria. Os espectadores às centenas faziam parte da fina flor Belorizontina. O jogo correu no meio do mais vivo entusiasmo. Ambas as partes jogaram brilhantemente e o anseio pela partida final era indescritível. Venceu como sempre a E.E.C.C., o que era esperado. Foi passado o seguinte telegrama a Diretora da Escola.  
‘Escola ganhou brilhantemente. Excedeu expectativa professor’.” (Noticias ..., 1937. p.4).

Aproveitar a vontade súbita de gangorrar no parque, mesmo que isto custasse alguns dias de suspensão; fazer da hora do almoço um momento de paquera; participar de uma partida de voleibol; aplicar trotes nas companheiras eram situações efêmeras, esgotavam-se em si mesmas, mas jogavam com o que era imposto pela escola, denotando a importância e a necessidade do lúdico.

Ademais, percebo que, pelas brincadeiras, renovavam-se e ampliavam-se os laços de convivência. Tanto em ocasiões específicas - como nos encontros com os estudantes de Medicina, que provocavam momentos de sedução e de “gozação” - ou diariamente - entre os integrantes da escola -, a convivência propiciava a aproximação, criando a possibilidade da descontração e do riso. A proximidade permitia que as pessoas se conhecessem melhor e, tivessem liberdade para brincar com os companheiros. Podiam falar com



facilidade das características de cada um, que, de um modo bem descontraído, eram divididas com os demais membros da escola, assim como situações ali vividas:

"A Berguinha é delicada.  
Tem a vida por um fio.  
Quando fica atrapalhada  
Corre logo pro 'titio'.

Berguinha, como ella propria se chama, é afobada e nervosa. Muito cuidadosa com sua saude, adoece de susto si emmagrece 3 grammas. Está afflictta para acabar o curso, para se dedicar ao estudo da bella lingua de Camões. É muito estimada por suas collegas, principalmente nos dias em que recebe de presente fructas crystalizadas." (Photografias ..., 1936. p.68).

"A D. Adilia como senior da Cirurgia estava tão afiada em esterilização que fervia material uma hora e ainda não ficava satisfeita. D. Celina reconheceu que si continuasse a correr tanto com as bandejas de temperatura faria a felicidade das fabricas de vidro e de thermometros. Lavava as suas mãos em alcool esquecendo que elle é fixador." (Moreira, 1936. p.75).

"D. Lais foi a primeira a pisar na 'terra prometida' ao povo da Escola, o que confundiu D. Georgina que não contando com esta chegada antecipada, reservara modestamente para seu jantar, um menu chino-mineiro - valha-se dizer - arroz com linguiça. A assistente resolveu assistir ao citado jantar, amante, como é, da boa linguiça, como das boas causas, sciencias, artes e letras.

'Clitemnestra de longa data  
'Começara a jejuar  
'Reservando um lugarzinho  
'P'ra linguiça do jantar ...'

na duvida de encontrar comestiveis garantiu-se antes de subir a serra. Entretanto, acariciando seu apurado olfato, foi uma tentação irresistivel o jantar do Internato, e Clitemnestra resolveu fazer uma segunda edição correta, aumentada e melhorada." (Historia ..., 1937? p.33).

"A nossa D. Jojoca tem pulado de alegria (isso é força de expressão porque D. Jojoca não pula, e mesmo que pulasse não o faria durante o retiro) porque a todo instante tem ocasião de tocar o sino, começando a cinco e meia da manhã. Desconfio até que a noite antes do retiro foi passada numa cadeira com medo de perder a hora. Estamos com muito medo que ela tome gosto e continue a nos acordar de madrugada." (Ecos ..., 1935).

"Consta que D. Georgina encomendou para a Paschoa um sino maior e 10 vezes mais sonoro, para alegrar mais a casa. Nos preferiamos um perú para o almoço..." (Anuncios, 1936).

"... Dona Carmen para ser muito prudente

Telefonou pro Internato

Avisando áquela gente:

- D. Georgina, vae ahi desapontada,  
A Dona Rosa que ficou contaminada.

A Jonjoca reuniu o pessoal

E fez logo um barulhão

Prevenindo contra o mal.

Minha gente eu não estou exagerando

O que se deu com a Dona Rosa no Internato chegando. (...)

Enquanto isto já gritou Dona Georgina

Lá do alto da escada:

- Vem direito cá pra cima.

A banheira já está com a solução

Já tem sua roupa e lá no quarto não vá não.

- Tenho ordem de lá do hospital,

Vá tirando a sua roupa

Pondo em cima do jornal.

Mas eu acho ainda mais exato

Pôr no lisol e por um dia deixe intacto. (...)

Das limpezas D. Rosa se lembrou

Todo dia, toda noite

Pois o cheiro não a deixou.

E foi assim que a cena se acabou

E Dona Rosa de contar não se cansou."

"Nota da redação: - Chamo atenção para os leitores que a ordem dada do escritorio não foi bem executada. Houve equivoco. A banheira e não a D. Rosa é que deveria ser desinfectada com lisol. (Carmen Mesentier)." (Mesentier, 1936).

Esses trechos mostram acontecimentos interessantes e divertidos: o que valia era a diversão, o bom-humor, a risada. E cada situação pitoresca merecia ser contada, refeita e, algumas vezes, aumentada. Mas tudo ocorria sem brigas, só o lúdico estava presente nessas ocasiões. Podia-se, às vezes, reclamar, como mostram os versos a seguir. Mesmo essa reclamação indicava liberdade e envolvimento entre os integrantes da EECC:

" - Meninas tão sem juízo!  
Exclama F. Georgina  
Com esse frio tão forte  
Tomar banhos de piscina!

- D. Lais já deixou  
Nada há que reclamar  
Estamos bem satisfeitas  
Agora podemos nadar ...

- Meninas impertinentes,  
Isto até já é mania  
Só quero ver quem primeiro  
Apanha pneumonia.

- Já disse a D. Lais:  
Isso assim não pode ser!  
Vocês sujam a casa toda  
D. Lais venha ver!!!

- Entram todas ensopadas  
Molham todo o encerrado  
Isso é de por um santo  
Louco e desesperado.

- Ó Jojoca deixe disso  
Vem ver a gente nadar  
Será que isso é inveja  
Por estarmos a gozar?

- Meninas sem coração,  
- Walda si você morrer?  
- Tanto melhor, ó Jojoca  
Estou farta de viver.

- Não diga isso menina,  
Você perdeu a razão?  
Pense um pouco em sua mãe  
E na nossa amolação.

- Não morrerei Jojoquinha  
Ninguém vae se amolar  
E a mamãe lá em Petropolis  
Não precisa de chorar.

- Não se zangue mais conosco  
Venha aqui apreciar  
Veja como estamos treinadas  
Venha nos ver mergulhar. ..." (Paixão, 1936b).

Como ilustram os versos apresentados, o que valia era a vontade de viver o instante, a satisfação que ele proporcionava. Percebo que havia um

misto de prazer e desprendimento, as alunas se soltavam, brincavam na piscina e com a Ecônoma, tão preocupada com a casa, que ficava toda suja, e com a saúde das meninas. Nesse momento, não interessava a elas se a escola estava encerada ou se poderiam ficar doentes, o importante era aproveitar e mergulhar.

Os relatos falam de um mergulho na diversão, na casualidade, no aqui e agora. Por meio dos depoimentos, é possível perceber que o lúdico dava a possibilidade de viver um presente descompromissado, cheio de alegria, fora das normas habituais da escola. Pelo lúdico, as pessoas podem exercer a “liberdade de aceitação, de atender suas vontades, de estar com os outros, de gozar da companhia e de penetrar no seu mundo próprio desvelando um pouco de si.”<sup>150</sup> São instantes em que cada um “é o que é”. O riso, o humor e a brincadeira revelam a vitalidade que perpassava a vida na escola e a união que existia entre seus membros. Como afirma Erdmann:

“Pelo exercício do humorístico, pelo riso/gargalhadas o homem é capaz de rir e fazer os outros rirem, pode retomar a esperança e sentir a cumplicidade de todos, do coletivo, por contágio, pelo ‘clima’ criado ou pelo exercício da solidariedade que pode ocorrer.”<sup>151</sup>

A própria maneira de registrar os momentos de descontração, por meio de versos, remete à ludicidade presente na EECC. Ao se construir um poema, brinca-se com as palavras e a imaginação, e os leitores têm a possibilidade de aproveitar da situação apresentada para também se divertir. Segundo Huizinga, na poesia:

---

<sup>150</sup> Erdmann. *Texto & Contexto Enfermagem*, 1998. p.24.

<sup>151</sup> Erdmann. *Texto & Contexto Enfermagem*, 1998. p.24.

“A ordenação rítmica ou simétrica da linguagem, a acentuação eficaz pela rima ou pela assonância, o disfarce deliberado do sentido, a construção sutil e artificial das frases, tudo isto poderia consistir-se em outras tantas manifestações do espírito lúdico.”<sup>152</sup>

Manifestações lúdicas, em verso, em prosa, em vivência, traziam a oportunidade de interação, cumplicidade e partilha, enfim, um sentimento de coletividade. Elas só foram possíveis com a participação e o envolvimento de cada um dos integrantes da EECC, que participavam dos momentos lúdicos, ou se divertiam com as histórias dos companheiros.

De qualquer modo, os depoimentos e documentos da época indicam a presença marcante do lúdico no dia-a-dia da escola; como afirma Maffesoli<sup>153</sup>, ele se apresenta como um claro índice do querer viver e da perduração da socialidade, contrapondo-se ao utilitarismo. Pelos trechos citados, percebo que o lúdico modificava o dia-a-dia utilitarista da escola e criava a possibilidade do riso, da brincadeira e da espontaneidade. Ao viverem cada instante intensamente, os integrantes da EECC exercitavam a ousadia, o correr riscos, o suportar incertezas e tensões, e isto, segundo Huizinga<sup>154</sup>, constitui a essência do espírito lúdico.

Permeadas por instantes e situações únicas, aquelas pessoas vivenciavam a magia e a riqueza do lúdico. Segundo Nascimento<sup>155</sup>, ele é dinâmico, produz emoções intensas e diversificadas e possibilita a criação. Desta forma, tanto nas festas como no dia-a-dia da EECC, o lúdico, em meu

---

<sup>152</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999. p.147.

<sup>153</sup> Maffesoli. *A sombra de Dionísio*, 1985.

<sup>154</sup> Huizinga. *Homo Ludens*, 1999.

<sup>155</sup> Nascimento. *Texto & Contexto Enfermagem*, 1998.

entendimento, dava margem à criatividade, ao improviso, ao compartilhar emoções, indicando a ascensão do sentimento trágico da existência e marcando tais momentos pela harmonia e por uma força irreprimível de querer viver.

## ***A arte de transgredir***

Como uma das formas em que também se modulava o vivido na EECC, a transgressão aparece, revelando a existência do sentimento trágico e dando mostras da vitalidade ali existente.

Para além de normas e imposições, o que valia era aproveitar o momento e infringir, violar, transgredir. Com seu ar efêmero e sua intensidade, a transgressão dava àquelas pessoas a possibilidade de ultrapassar o estabelecido e viver de acordo com sua vontade.

A seguir, são apresentados relatos que falam de transgressões ocorridas na escola:

"... por exemplo, nós tivemos uma menina, que não vou lembrar o nome dela agora, que tinha alergia quando passava rímel e vivia com rímel e os olhinhos vermelhinhos, com as pálpebras desse tamanho. Essa menina não conseguiu sobreviver ao curso, porque ela, como toda boa nordestina, ela tirava o sapato, cruzava as pernas, aquele jeitão, não é? Isso era um comportamento inaceitável!" (Entrevista 6, 1996. p.22).

"Me lembro bem. O que eu fiquei sabendo é que ela [uma aluna] estava em estágio e largou o estágio e foi pra, para uma pensão familiar, onde estava o namorado, foi o que eu soube." (Entrevista 1, 1995. p.45).

"É, lembro sim, dona IA. mesmo, expulsou sim, a MA., porque ela ficou grávida, namorava esse rapaz, o rapaz não saía de lá e tudo. Não sei porque dona IA. tomou antipatia dele, não sei se ela via alguma coisa além, portanto ela até teve uma menina dele, desse rapaz. Também não casou. A MA. ficou chateada, brigou muito com a dona IA., brigou sim, falou muita coisa, eu sei, as duas falaram demais assim, uma com a outra, de brigar e falar muita coisa mesmo, que eu não gostaria nem de falar isso não, viu, gente? Realmente, é uma coisa muito chata, acho que foi a primeira aluna, porque solteira, acho que foi mãe solteira na escola que a gente viu naquela época, eu só sei que, gente, o negócio foi feio." (Entrevista 11, 1996. p.34).

"... me acham brava, essas coisas (...). Porque exigia. Principalmente quando havia coisas desagradáveis, e que aconteceu no hospital, menina penteando cabelo de, de médico. Não dava, né?" (Entrevista 15, 1996. p.10).

"Só lembro da DB., que penteava o cabelo do médico na sala de operação, essa me... DB., né? Que deu um enguiço grande, que precisou da gente lidar com a situação toda..." (Entrevista 15, 1996. p.15).

"Ela [uma aluna] um dia sumiu da Escola, eu fui procurá-la e a encontrei em uma rua perto do Pronto-Socorro, não tem um Hospital de Pronto Socorro numa esquina. É, não sei, é bem depois da Alfredo Balena, à direita quem vira uma rua por lá. Então ela estava no alpendre da casa conversando com um rapaz. De uma casa que não era Escola, nem... no momento ela devia estar na Escola, né?" (Entrevista 15, 1996. p.16).

"Uma vez, houve duas colegas nossas que quebraram essa norma, mas não foi lá no internato da Serra, foi cá na rua da Bahia, porque ali já era mais no centro, né? E duas saíram e dona RS. tinha ido em casa, passar o domingo em casa. Então, as duas chegaram mais tarde, aproveitaram, tomaram um pouco de vinho por aí, não é? E chegaram mais tarde, fizeram uma bagunça grande, mas tinha sempre uma pessoa lá, contou para dona RS. e tudo. E essas duas foram expulsas da escola, porque elas chegaram com bafo de vinho, não sei se era vinho ou cachaça." (Entrevista 14, 1996. p.21).

"A grande transgressão da qual a DB. era acusada é que ela já era vista com um comportamento inadequado para uma aluna de enfermagem. Mas parece que DB. namorava um estudante de medicina que tinha uma república, que morava numa república, e que teve uma festinha nesta república e que a DB. foi para esta festa. Não é possível escândalo maior." (Entrevista 6, 1996. p.23).

“Mas, por exemplo, tinha gente que ia sem sutiã, isso era um escândalo, porque os peitos balançavam e não podia, não é?” (Entrevista 6, 1996. p.35).

Em meio a um rigoroso esquema de conduta pregado pela EECC, os depoimentos falam do dia-a-dia de seus integrantes, mostrando-o cheio de brechas, que, no meu entendimento, “temperavam” o que ali era vivido, dando àquelas pessoas a possibilidade de agir de acordo com sua vontade e de ser elas mesmas. Comportamentos considerados inaceitáveis para um estudante ou um profissional de enfermagem enriqueciam o seu cotidiano e proporcionavam, nem que por um instante, liberdade de ação.

Situações como sair do internato para encontrar um namorado, beber além da conta, andar sem sutiã, engravidar ou assistir à aula sem sapatos, ilustradas pelos relatos, desviavam-se dos padrões preconizados pela escola. No entanto, por mais rigorosa que ela fosse na tentativa de estabelecer a conduta adequada de seus membros, os trechos citados indicam que havia momentos de transgressão.

Por meio dos depoimentos prestados, entendo que a transgressão possibilitava a liberdade, era um respiradouro. Ir além de normas e regulamentos e viver o momento único que a transgressão proporcionava fazia com que as pessoas se sentissem donas de si, podendo fazer do proibido o permitido. E, quando essa passagem - entre o proibido e o permitido - não podia ser feita publicamente, fazer coisas às escondidas era a única saída encontrada, como mostram os trechos seguintes:

“Os funcionários eram formidáveis, então a cozinha, quando via que nós não alimentávamos bem, ia lá no nosso quarto depois que a gente enfrentava aquilo lá embaixo, então dava uns quartinho, mas nunca



colega com colega, não podia não, tinha que ser com outro pra tomar conta da gente, então, elas davam escondido, né? A gente fazia à noite [plantão] não levava nada, as funcionárias tinham escondido e davam pra nós, sabe?" (Entrevista 9, 1996. p.12).

"Eu me lembro que..., dos doentes, era proibido, não podia aceitar nada, nada de doente, mas o quarto andar era de particular, eles davam maçã pra gente escondido, pra comer escondido, porque, se a escola soubesse, xingava." (Entrevista 9, 1996. p.18).

"Ah, quando a El. não estava, era diferente, elas [as alunas] procuravam a gente. A gente também fazia tudo pra elas com a maior boa-vontade. Eu fazia tudo para elas, tudo no caso, do melhor jeito possível, então elas ficavam satisfeitas comigo, e eu também com elas, né? Mas, quando a El. estava lá, a gente não podia nem conversar não, para falar a verdade. Quando a El. não estava lá, era tudo diferente; El. chegou, acabou, gente, era tudo tão fechado, tão rígido, que não sei se precisava daquilo, sabe?" (Entrevista 11, 1996. p.14).

"JJ. tinha um ciúme das frutas dela e da jaca, mas, quando ela, ela escapulia, a gente ia lá, apanhava uma jaca, escondia, para depois comer." (Entrevista 14, 1996. p.15).

"Não podia fumar, né? Mas tinha uma colega que gostava muito de fumar, era do interior. Mas, então, ela fumava escondido." (Entrevista 14, 1996. p.22).

"... mas no jantar, era mesmo no refeitório, só que a mesa era separada, a da diretora com as monitoras era a mesma. E agora, eu coloquei aqui que as mesas delas eram bem mais fartas do que a nossa, porque JJ. é que era econômica, então, tinha uma adulação, um pouco de adulação, sabe? Então, ela fazia coisa separada. De vez em quando, a gente ia lá roubava e comia. Nós íamos sem ela ver, e uma fala assim: 'Não tá olhando não, pode ir lá.' Uma pegava e passava a mão, sabe? Mas, geralmente, a alimentação era farta, muita, não precisava não. À noite sim, à noite a gente vinha com muita fome do hospital, porque ficava lá até tarde, e tinha a turma da manhã e a turma da tarde. Então, saía de lá nove horas com muita fome, almoçava, a comida do hospital era muito pobre. Pobre mesmo! A gente chegava com uma fome! Chegava no hospi..., na escola, JJ. tinha deixado um lanche assim, muito pouco, muito assim, um lanche muito... como é que se diz? Mixuruco! É, um lanche mixuruco. Então, aquilo não contentava a gente, mas a gente sabia da... aonde era a despensa, ia lá e roubava os negócios, e... roubava não, porque era nosso mesmo, né? A gente pegava. Tirava leite, tirava, é, pão para comer, tirava leite com pão. Tirava fruta. E aí pronto, abastecia e ia dormir. Tinha uma chave, mas ficava pendurada assim, a gente ia lá, abria e tirava. Ninguém, ela nunca

soube que a gente roubava as coisas para comer.” (Entrevista 14, 1996. p.22).

“As meninas, de vez em quando, à noite, ela [a ecônoma] esquecia lá aberto, elas iam pegar lá alguma coisa pra comer.” (Entrevista 20, 1997. p.9).

“Porque todo o mundo achava que a Escola de Enfermagem Carlos Chagas era melhor que a Enfermagem Hugo Werneck. Então, existia esse problema. Então, de um modo geral, a aproximação era mais de aluno para aluno. Você sabe que aluno nunca teve problema, não é? Então a gente se aproximava muito bem da Universidade Católica, lá não era católica, naquela época era Hugo Werneck, não é? A gente ia lá, não saía de lá, e as meninas de lá também não saíam daqui. Quando a ecônoma da escola entrava no nosso quarto, aí a gente colocava [as colegas da Escola Hugo Werneck] debaixo da cama para poder ela não ver, não é?” (Entrevista 7, 1996. p.20).

“Aprontávamos e muito. Às vezes, a gente tirava as coisas até na dispensa, sabe? Roubava as coisas lá, sabe? Então, sabe o quê que a gente fazia? A gente colocava pessoas vigiando a ecônoma, porque só tinha a dona, a JJ., não é? Aí ficava uma lá perto, mais ou menos da porta dela; outra no meio do corredor e as outras lá para poder pegar comida, pegar fruta, pegar as coisas. Porque a gente, a comida não era muito boa. Então, chegava a noite, a gente tinha uma..., é todo mundo adolescente, naquela fase que dá muita fome à noite, não é? (...) Depois do jantar não tinha mais nada, tá? Então, a gente roubava as coisas. Eu mesma participei, sabe? Aí a gente é, pegava cera e colocava no sino [sino usado pela ecônoma para acordar as internas de manhã], que tinha aquela sinetinha lá, a gente colocava cera. Às vezes, quando a gente queria dormir até mais tarde, aí a gente colocava a cera na sineta para poder ela não tocar a sineta no escuro. Era assim, uma turma muito boa, sabe?” (Entrevista 7, 1996. p.23).

Pelos depoimentos apresentados, entendo que a transgressão remetia, na maior parte das vezes, à solidariedade, à união e à cumplicidade. Parece que, algumas vezes, era preciso transgredir para ajudar outras pessoas, como no caso em que os funcionários davam comida escondido para as alunas. Outras vezes, a ajuda acontecia no momento da transgressão, entre as pessoas que dela participavam e dividiam as tarefas para alcançar o objetivo. Assim, enquanto uma vigiava a Ecônoma, a outra pegava a comida. Havia,

também, ocasiões em que, mesmo não participando diretamente da situação, ficava-se sabendo dela, como o caso da colega que fumava escondido. Mas era preciso guardar segredo das transgressões, para que as pessoas não saíssem prejudicadas. Dessa forma, transgredia-se tanto participando ativamente da situação quanto calando-se sobre ela.

Os trechos citados mostram que, para ir além de uma norma ou imposição, era preciso haver envolvimento. Assim, o sentimento do coletivo prevalecia e o estar-junto era essencial.

Os relatos revelam, também, a diversão: por mais perigosa que a situação pudesse parecer, permitia que os participantes se divertissem quando de sua realização. Colocar cera no sino da Ecônoma, o que significava algum sono a mais, trazia prazer e descontração para as alunas, que se orgulhavam do feito e se alegravam com seus resultados.

Os depoimentos denotam a vitalidade e a vontade de ultrapassar limites quando era vivenciada a aventura e havia risco. As transgressões tornavam-se verdadeiros desafios, requeriam criatividade, habilidade e coragem:

“É. De vez em quando, ela arranjava umas festas, queria ir naquela, né? Muito engraçada, contava muita piada, então, a LG. era muito interessante mesmo. A LG. ficou afamada assim, pelas saídas dela, de gostar de dançar, mas, sempre assim, ela era danada de viva, ela ia para festas, mas dava um jeito escondido e chegava na hora. Mas bem que fazia as farrinhas dela.” (Entrevista 14, 1996. p.35).

“MN. deu trabalho pra nós, só vendo. Deu trabalho muito grande porque ela queria, ela queria saltar a janela para ir encontrar com o namorado, ela queria chegar de madrugada. Essa nos deu um bocado de trabalho, não sabe? Mas, no final de contas, ela saiu do internato, né? Mandaram ela embora, e ela saiu. Ela saiu porque estava esperando uma criança ...” (Entrevista 10, 1996. p.10).

“Não, não, eu acho que eu não era transgressora de primeira, mas eu acho que eu não era transgressora exatamente, porque a turma era

muito homogênea, sabe? E a gente também, aquela coisa do fazer calado, é, daquela coisa inteligente, não precisava peitá-la, a gente fazia, né? É, sabe, ia fazendo. Mas mesmo assim eu acho que eu fui uma das que mais peitei El., sabe?" (Entrevista 16, 1996. p.12).

"Ah, ia pras festas, a gente ia muito para as festas, a gente ia direto pra, acho que ia direto pro hospital. Ah, como é que era, gente? Era eu, IO., Al., foi que a gente foi, ficava uma ligando pro estágio da outra pra saber se não tinha sido descoberto, sabe, eu não sei se nós fizemos uma vez só, se foram várias." (Entrevista 16, 1996. p.14).

"... lembra que nós ficamos telefonando, porque eu acho que a gente não podia, porque tinha estágio, aí o que a gente fez, a gente foi para as festas e foi direto para o estágio, alguém levou as roupas pra gente, quer dizer nós fomos uma temeridade." (Entrevista 16, 1996. p.20).

"Eu posso dizer da minha turma, porque o pessoal, quer dizer, eram muitas internas. Então, era muito freqüente o pessoal invadir pela madrugada, ir para as festas dançar, ir para boates, tudo que é lugar, pular o muro para voltar e de manhã cedinho todo mundo nas camas." (Entrevista 6, 1996. p.24).

"... eu participei pouco. Eu sabia como membro do grupo, não é? Mas externa, realmente, a gente via assim, elas com os códigos, quer dizer, as palavras de ordem das puladas de cerca, das fugidas pelo muro, das festas no D.A. [diretório acadêmico] da Medicina, elas tinham as palavras de ordem, então se falava alguma coisa assim, a turma de internas caía na gargalhada. Quer dizer, era uma coisa bem codificada." (Entrevista 6, 1996. p.24).

Ah! Isso era interessante! Todo mundo fugia, sabe? Roubava a chave da... É, JJ., não é? Roubava a chave. Aí jogava a chave pela janela para a pessoa lá embaixo, sabe? Quando a, então ela, [a econômica] fazia a inspeção toda noite para ver. Então, uma fazia boneco na cama. Cobria, não é? Ela chegava na porta e via a cama ocupada, não é? Então, achava que a gente estava todo mundo lá dentro. Mas a outra estava lá fora namorando." (Entrevista 7, 1996. p.23).

"Então esse processo da CA. ninguém sabe, sumiu! Sumiu, simplesmente ele sumiu, tá? E quem pegou esse processo foi eu. Já era professora. Eu peguei esse processo da CA. e, até há pouco tempo, eu estava com ele lá. Porque eu estava lá olhando minhas coisas, a cartinha da CA., sabe? O que ela tentou, coitada, para ela não ser expulsa, aí eu desviei o processo. Naquela época eu tinha assim um certo acesso à secretaria e o pessoal me respeitava bastante na Escola." (Entrevista 7, 1996. p.26).

**De uma maneira descontraída, as transgressões também são relatadas**

no jornal "Cinco P'ras Dez":

"... Intão isso num vale as goiaba,  
As ameixa, as manga verdinha?  
Ó! queremos cuidá dos doente  
E robá manga nas 'vaguinha'!  
Isso nois fala baixinho  
Pruque si a Jojoca iscuitá  
Adeus vidinha forgada,  
De 'tomá ar' no quintá!" (Coutinho, 1936).

"Passou a 24 deste o aniversario de D. Julia Carneiro, enfermeira da Saúde Pública. O '9.55' deseja venturas (aventuras)." (Aniversario, 1936).

Os trechos citados indicam que era preciso saber viver dentro da escola. Sem contestar diretamente as ordens estabelecidas e as normas da EECC, os seus integrantes, aparentemente, aceitavam o imposto, e, ao mesmo tempo, agiam conforme sua vontade.

Entendo, então, por meio dos depoimentos e dos documentos da época, que era um viver astucioso, envolvia cumplicidade, companheirismo, duplicidade, segredo, permitindo que as pessoas se protegessem das imposições, sem precisar afrontá-las. Não era porque a EECC era rigorosa com relação ao comportamento que as alunas deixavam de ir a festas e namorar. Elas o faziam de um modo inteligente, "aquela coisa do fazer calado", de não "peitar" os demais. E, para isso, nem era preciso ser uma "transgressora de primeira", bastava a vontade de aproveitar o instante e vivê-lo com toda a intensidade.

Como afirma Maffesoli,

"... sob a aparente adesão aos grandes valores dominantes, vemo-nos diante de um 'tanto para si' constituído de duplicidade, que se reserva, que não ataca frontalmente, mas que sempre encontra o meio de viver o essencial. A astúcia social é o que permite uma

resistência interior e coletiva, o que, por fim, permite a permanência social.”<sup>156</sup>

Essa astúcia remete à camuflagem e possibilita que as pessoas disfarcem suas intenções, agindo como pede a situação, e elucidando o politeísmo de valores existente em cada um.<sup>157</sup> Assim, aparece o jogo duplo, que usa da esquiva para não afrontar diretamente os valores e as normas incômodas, constituindo uma proteção contra as diversas imposições.<sup>158</sup> Por meio dele, podia-se ser “uma temeridade” e encontrar as mais diferentes maneiras de driblar o instituído. Conforme os relatos, fazer um boneco na cama, ir a festas e voltar de manhã, antes do toque de levantar da Ecônoma, ou sair das festas direto para o hospital dão mostras da habilidade dos integrantes da escola, que inventavam e enganavam, utilizando a duplicidade. Aparentemente acatando as normas da EECC, as alunas desviavam-se do estabelecido.

O viver astucioso dos membros da escola também pode ser detectado pelo silêncio e segredo mantidos sobre as transgressões, modo de aproveitar o lado de sombras que a transgressão proporcionava. Segundo Nascimento & Freitas<sup>159</sup>, por meio do segredo, cria-se uma relação de solidariedade, e isto faz com que as relações do grupo tornem-se mais sólidas. Os trechos citados comprovam que agir secretamente era uma proteção contra o exterior, ao

---

<sup>156</sup> Maffesoli. *A conquista do presente*, 1984. p.162.

<sup>157</sup> Maffesoli. *Dinâmica da violência*, 1987.

<sup>158</sup> Nascimento. *Enfermagem Revista*, 1995b.

<sup>159</sup> Nascimento & Freitas. *Enfermagem Revista*, no prelo.

mesmo tempo que ampliava a força do grupo, marcada por códigos e palavras de ordem criadas, o que levava à união e à confiança. Conforme Maffesoli, a confiança “se exprime através de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo.”<sup>160</sup>

Assim, os relatos e documentos da época indicam que, quanto mais unidos estavam os integrantes da escola, mais tinham força para ultrapassar os limites. O pequeno grupo de alunas ou de professoras e funcionários podia vencer, em determinados momentos, o poder da escola. Nesse sentido, entendo que havia uma força que exprimia a potência existente no dia-a-dia da EECC, e essa potência remete a um vigoroso querer viver<sup>161</sup>, opondo-se ao poder, ao instituído, realçando a energia de cada integrante da escola e a soberania do viver coletivo.

Dessa forma, trazendo fascínio e magia, a transgressão ressaltava a intensidade do vivido na EECC, pois as pessoas não queriam apenas “cuidar dos doentes”, mas também “roubar manga nas horas vagas”. Como mostram os trechos citados, havia a necessidade de ir além das imposições e viver instantes de aventura e perigo. Bonder fala que “a vida de acordo com o manual, que indica a cada um de nós o que devemos fazer, é insuficiente para responder integralmente por nosso ‘eu’.”<sup>162</sup> Por isto, não é possível viver apenas sob regras e imposições. Em algum momento, emergem leis próprias, que mostram a soberania da pessoa frente ao estabelecido.

---

<sup>160</sup> Maffesoli. *O tempo das tribos*, 1998. p. 131.

<sup>161</sup> Maffesoli. *O tempo das tribos*, 1998.

<sup>162</sup> Bonder. *A alma imoral*, 1998. p. 69.

Como uma escolha que podia enriquecer a vivência de cada um, a transgressão era “um instante de eternidade, onde o proibido pode ser aceito, e esta liberação põe face a face, luz e sombra, razão e paixão.”<sup>163</sup> Pelos depoimentos e publicações da época, percebo que tais ocasiões constituíam verdadeira arte, construída com habilidade, criatividade e envolvimento, a qual adornava o vivido na EECC, tornando-o mais rico e agradável.

Apresentando-se, a partir dos trechos citados, como duplicidade, astúcia, potência, criação, habilidade, descontração e coragem, a transgressão revelou-se como uma vivência do trágico no dia-a-dia da escola e me permitiu compreender um pouco mais desse cotidiano rico e surpreendente sobre o qual se constituiu a EECC.

---

<sup>163</sup> Rezende. *Revista Enfermagem da UERJ*, 1995. p.89.



## **CAPÍTULO V**

*“Você verá que é mesmo assim  
Que a história não tem fim  
Continua sempre que você responde sim  
À sua imaginação  
À arte de sorrir cada vez que o mundo diz não ...  
Agora é brincar de viver.”*

*Brincar de viver  
Guilherme Arantes e Jon Lucien*

## ***“A história não tem fim”***

Voltar ao passado procurando compreender uma parte do vivido na Escola de Enfermagem Carlos Chagas foi, para mim, adentrar pelo cotidiano dessa escola e viver junto de seus integrantes as mais variadas situações. Ao buscá-lo por meio das manifestações do sentimento trágico, não poderia fazê-lo sem interagir com o meu objeto de estudo. Assim, deixei-me levar não só pela busca de conhecimento, mas também pela emoção, pelo entusiasmo, pela identificação com os participantes dessa história, dividindo com eles alegrias e tristezas. A cada etapa, percebia a riqueza do vivido na EECC e a intensidade e diversidade de seu colorido.

Ressalto que o apresentado neste trabalho, ainda que, em minha percepção, revele-se repleto de cores e formas, é apenas uma faceta do vivido na escola, a qual consegui apreender por meio do material consultado. Tenho claro que cada olhar pode trazer um novo traçado das formas presentes no cotidiano da EECC, dando a elas diferentes contornos e cores, assim como podem surgir outras interpretações dessa história. Assim, as afirmações que faço ao longo deste estudo são relativas, pois integram a interpretação do pesquisador, sem se colocar como verdades únicas.

Entendo que a EECC não se construiu apenas com acontecimentos marcantes, mas também com pequenas situações, experimentadas no dia-a-dia, as quais, em sua multiplicidade de aspectos, intensidade e efemeridade compuseram o vivido naquele local.

Ao lado das imposições e normas estabelecidas pela escola, seus integrantes tinham a possibilidade de desfrutar intensamente das mais variadas situações, dando valor ao instante, ao presente. Esses momentos foram marcados pela espontaneidade, pelo desprendimento e desejo de viver o que se apresentava.

Como mostra a música “Brincar de viver”<sup>164</sup>, a história continua sempre que se responde sim à imaginação e ao se sorrir a cada “não” dado pelo mundo. Eu diria que os integrantes da EECC responderam “sim” à vida, usando a imaginação e sabendo, em muitas ocasiões, “sorrir” a cada “não” ali dito. Dessa forma, fizeram do espaço da escola o território da partilha e da vivência coletiva; colocaram em jogo a diferença; foram levados pelas festas e pela descontração do dia-a-dia, o que conferiu ao lúdico papel de destaque, e fizeram da transgressão uma verdadeira arte.

Desse modo, a vida, como afirma Maffesoli<sup>165</sup>, faz-se numa seqüência de ensaios e erros, de experiências e atitudes fora das normas, as quais asseguram sua solidez, e não é possível abolir sua efervescência. Cada situação, efêmera e, muitas vezes, banal, trazia aos integrantes da EECC a possibilidade de uma vivência única, em forma de cores, sons, gestos e paixões, que compõem o cotidiano. Num misto de luz e sombra, o vivido na escola deu mostras da grandiosidade e pluralidade de valores, fazendo da história da EECC muito mais que mera seqüência de fatos.

Ao se focar o dia-a-dia na instituição, dando relevo às pequenas

---

<sup>164</sup> Arantes. *Brincar de viver*, 1985.

<sup>165</sup> Maffesoli. *L'Instant éternel*, 2000.

situações ali experimentadas, um novo aspecto da história é aflorado. Construído, na maioria das vezes, por pessoas não tão conhecidas no contexto da enfermagem, esse aspecto não deixou, por isso, de se mostrar rico e instigante. Cada personagem dessa trama, com sua vivência, contribuiu para o avanço da profissão e a construção do seu passado.

Nesse sentido, entendo que a história não se faz de um modo estanque nem se finaliza, visto que a ela sempre serão incorporados novos aspectos, dos quais não conseguimos abranger toda a riqueza. Trata-se de uma história em movimento, da qual fazemos parte. Conforme Bellato, “a História não se faz sozinha. Nós a reconstruímos diariamente no nosso atuar!”<sup>166</sup>

Dessa forma, penso que, para o ensino da história, seu resgate e nas discussões no âmbito profissional é necessário buscar novas óticas, a fim de possibilitar uma maior aproximação entre o enfermeiro e seu passado. Na maioria das vezes, este nos é apresentado em forma de datas, acontecimentos importantes e pessoas que se destacaram ao se construir a profissão, e ele fica reduzido a tais aspectos. É preciso ver por outro ângulo essa imagem do passado e valorizar as sutilezas, os matizes e os conflitos que também o compõem e conferem uma nova conotação à história da profissão.

Assim, penso que este estudo abriu possibilidades para se repensar a história da EECC e da enfermagem conhecendo-as melhor e a elas dando mais valor.

---

<sup>166</sup> Bellato. *A vivência da hospitalização pela pessoa doente*, 2001. p.1.

Ao finalizar este trabalho, tenho a certeza de que muitos outros aspectos do vivido na EECC podem ser estudados, a fim de tornar seu passado ainda mais reconhecido e valorizado e contribuir para o desenvolvimento da profissão. Que as histórias vividas na EECC sejam pensadas segundo a magia das histórias infantis, fazendo com que nos “reencantemos” com o passado da Enfermagem. Assim, iniciarei uma história que não tem fim. A história de “quem conta um conto aumenta um ponto”:

“Era uma vez uma casa amarela, onde viviam anjos vestidos de branco. Por sinal, imaculadamente brancos e engomados. Sob disciplina rigorosa, as moças tinham seus uniformes vistoriados todos os dias e suas saias cientificamente medidas.”<sup>167</sup>

E, nessa mesma casa, as pessoas podiam, também, viver um mundo encantado. Rodeada de jardins, de um pomar e com o suave toque das águas que corriam ao fundo do quintal, a casa possibilitava um dia-a-dia mágico. Lá eram divididos mais que momentos tristes ou alegres: o que ali se compartilhava eram vidas ...

---

<sup>167</sup> Da ..., *Informativo Vida*, 1999. p.6.

## ***FONTES DOCUMENTAIS***

ANIVERSARIO. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.26, 26 abr. 1936. Vida Social. Não paginado.

ANUNCIOS. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.22, 16 mar. 1936. Não paginado.

CARDOSO, A. Internato Carlos Chagas; seu histórico. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.52-65, set. 1936.

COUTINHO, M.J. Nossa estréia no jorná... **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.22, 16 mar. 1936. Não paginado.

ECOS do Congresso. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.32, out. 1936.

ECOS do Retiro; notas trágicas e cômicas. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, 19 jul. 1935. Não paginado.

ENTREVISTA 1. [27 ago. 1995]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira; E.R. Soares. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1995. Transcrição mimeografada. 56p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 2. [31 ago. 1995]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira. Rio de Janeiro: NUPEQS-EEUFMG, 1995. Transcrição mimeografada. 24p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 6. [22 jan. 1996]. Entrevistadores: E.S. Nascimento; V.P. Caldeira. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 156p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 7. [14 mar./12 abr./18 abr. 1996]. Entrevistadores: V.P. Caldeira; E.S. Nascimento; E.R. Soares. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 180p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 8. [18 mar. 1996]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 31p.

Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 9. [22 mar. 1996]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira; E.R. Soares. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 42p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 10. [11 abr. 1996]. Entrevistadores: V.P. Caldeira; G.F. Santos; A.V.F.G. Silva. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 33p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 11. [09 maio 1996]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira; A.V.F.G. Silva. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 40p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 14. [03 jul. 1996]. Entrevistadores: V.P. Caldeira; A.V.F.G. Silva; E.R. Soares. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 62p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 15. [31 ago. 1996]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira. Rio de Janeiro: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 24p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 16. [31 ago. 1996]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira. Rio de Janeiro: NUPEQS-EEUFMG, 1996. Transcrição mimeografada. 33p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 18. [07 jan. 1997]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira. Juiz de Fora: NUPEQS-EEUFMG, 1997. Transcrição mimeografada. 29p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 20. [10 out. 1997]. Entrevistadores: G.F. Santos; V.P. Caldeira; A. Oscar. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1997. Transcrição mimeografada. 33p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

ENTREVISTA 21. [19 fev. 1998]. Entrevistadores: V.P. Caldeira; G.F. Santos; A. Oscar. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1998. Transcrição mimeografada. 39p. Entrevista concedida ao NUPEQS. (AOEC do Centro de Memória da EEUFMG).

HISTORIA humoristica do Internato, capítulo III. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, p.33-34, jul./ago. [1937?].

MESENTIER, F. Apuros de uma caloura. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, 29 jan. 1936. Não paginado.

MOREIRA, R.L. Histórico da turma. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.74-76, set. 1936.

NOTICIAS sportivas. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.3, n.30, p.4, 22 set. 1937.

PAIXÃO, W. O aniversário de D. Lais. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.1, n.13, 30 set. 1935a. Não paginado.

PAIXÃO, W. O Gremio. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.22, 16 mar. 1936a. Não paginado.

PAIXÃO, W. O Internato abre os salões... **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, n.11, 11 set. 1935b. Não paginado.

PAIXÃO, W. Jojoquiadas à beira da piscina. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.26, 26 abr. 1936b. Não paginado.

PERFIS das diplomadas do Curso Geral. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.8, p.14-16, set./dez. 1937.

PESSANHA, C. Comédia em rima; o café. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.1, n.9, 13 ago. 1935. Não paginado.

PHOTOGRAFIAS das diplomadas e perfis. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.68-71, set. 1936.

PROGRAMMA: hymno do Gremio. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.2, n.14, p.1-3, 23 ago. 1936.

SIMONE. A volta. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.1, abr. 1940.



SOCIAES. **A Enfermagem em Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.6, p.35, maio/jun. [1937?].

VÉRAS, P.C. Os estudantes do Pará. **Cinco P'ras Dez**, Belo Horizonte, v.1, n.9, 13 ago. 1935. Não paginado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARANTES, G. Brincar de viver. G. Arantes, J. Lucien [compositores]. In: \_\_\_\_\_ . **Despertar**, Rio de Janeiro: CBS/Sony/Columbia, 1985.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2.ed. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 242p.

BELLATO, R. **A vivência da hospitalização pela pessoa doente**. 2001. 210f. Tese (Doutorado em Enfermagem Fundamental) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

BELLATO, R.; CARVALHO, E.C. **Insignificâncias essenciais** (a busca pelo reencantamento no cotidiano hospitalar). Cuiabá: Edufmt, 1998. 196p.

BONDER, N. **A alma imoral: traição e tradição através dos tempos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 135p.

BOUSQUET, M.M. **Théorie et pratique ludiques**. Paris: Economica, 1984. 177p.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Trad. José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990. 228p.

COSTA, A.S.S.M. **A convivência dos familiares com o doente mental; uma análise compreensiva**. 1998. 161f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DA Casa Amarela ao Campus Saúde. **Informativo Vida**, Belo Horizonte, v.7, n.4, p.6-7, jul. 1999.

Da MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 272p.

DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 136p.

DUVIGNAUD, J. **Le jeu du jeu**. [s.l.]: Balland, 1980. 159p.

ERDMANN, A.L. A dimensão lúdica do ser/viver humano; pontuando algumas considerações. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.7, n.3, p.22-27, set./dez. 1998.

ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS. **Regulamento interno**. Belo Horizonte: EECC, [193?].

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 243p.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988. 294p.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Trad. Márcia C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 168p.

MAFFESOLI, M. **Dinâmica da violência**. Trad. Cristina M.V. França. São Paulo: Vértice, 1987. 159p.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Trad. Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998. 207p.

MAFFESOLI, M. A ética pós-moderna. Trad. Maria Cecília Sanchez Teixeira. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v.17, n.1/2, p.194-202, jan./dez. 1991.

MAFFESOLI, M. **L'Instant éternel**: le retour du tragique dans le sociétés postmodernes. Paris: Denoël, 2000. 249p.

MAFFESOLI, M. Ludisme et socialité. **Cahiers de l'imaginaire**, Paris, v.8, p.21-33, set. 1992.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996. 350p.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 177p.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 232p.

MIRANDA, C.M.L. **O parentesco imaginário**: história e representação social da loucura nas relações do espaço asilar. São Paulo: Cortez, 1994. 172p.

MIRANDA, C.M.L. **O Risco e o bordado**: um estudo sobre formação de identidade profissional. Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 1996. 209p.

NASCIMENTO, E.S. Compreendendo o cotidiano em saúde. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v.2, n.4, p.31-38, dez. 1995a.

NASCIMENTO, E.S. O cotidiano e alguns de seus contornos: novas formas de pesquisar. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v.5, n.9/10, p.7-19, jul./dez. 1999.

NASCIMENTO, E.S. **O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares**. 1993. 121f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, E.S. O lúdico no cotidiano de crianças escolares: algumas reflexões. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.7, n.3, p.11-21, set./dez. 1998.

NASCIMENTO, E.S. Noções que animam o cotidiano. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v.2, n.4, p.39-45, dez. 1995b.

NASCIMENTO, E.S.; FREITAS, M.I.F. Cotidiano hospitalar: reflexão sobre o racional e o sensível. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v.7, n.13 e 14. No prelo.

NASCIMENTO, E.S.; SANTOS, G.F.; CALDEIRA, V.P. **Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG**: um mergulho no passado. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 1999. 220p.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia** ou helenismo e pessimismo. 2.ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 177p.

NITSCHKE, R.G. **Mundo imaginal de ser família saudável**: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Pelotas: UFPel, 1999. 199p. (Teses em Enfermagem, 21).

PAIXÃO, W. A ética profissional nas escolas de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.9, n.4, p.221-231, dez. 1956.

PAIXÃO, W. A formação moral da estudante de enfermagem. **Anais de Enfermagem**, São Paulo, v.5, n.1, p.17-23, jan. 1952.

PERRAULT, C. **A gata borralheira**. Rio de Janeiro: Record, 1972. (Mundo Encantado).

REZENDE, A.L.M. A harmonia da desordem: sofrimento e transgressão no trabalho de saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.85-92, maio 1995.

REZENDE, A.L.M. Refletir sobre a diferença e a incompletude: um desafio que se impõe aos profissionais de saúde. **Enfermagem Revista**, Belo Horizonte, v.5, n.9/10, p.80-91, jul./dez. 1999.

SAUTHIER, J.; BARREIRA, I.A. **As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931**. Rio de Janeiro: EEAN, 1999. 180p.

SOBRAL, V.R.S. **A purgação do desejo: memórias de enfermeiras**. 1994. 114f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Enfermagem. Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde. **Acervo oral da Escola de Enfermagem Carlos Chagas – AOEC**. Belo Horizonte: NUPEQS-EEUFMG, 1995/1999. (Centro de Memória da EEUFMG).

WUNENBURGER, J.J. **La fête, le jeu et le sacré**. Paris: Encyclopédie Universitaire, 1977. 316p.